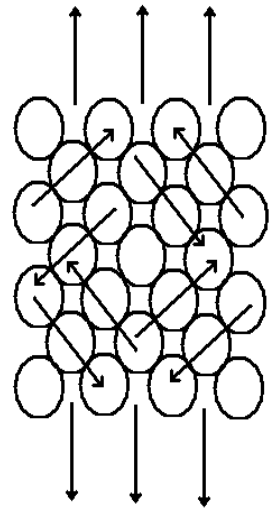


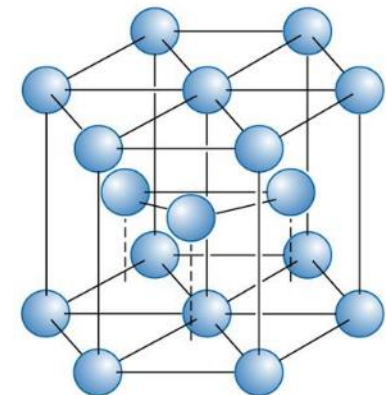
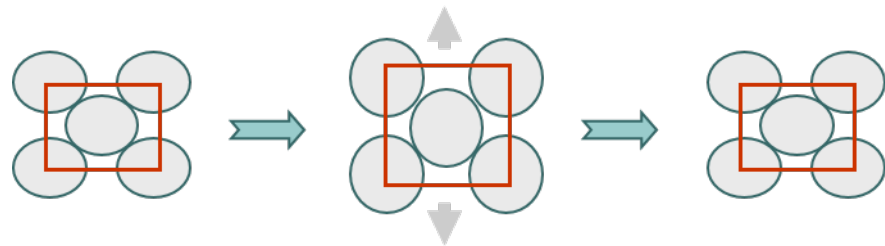
Universidade de São Paulo

Escola de Engenharia de Lorena

Departamento de Engenharia de Materiais - Demar



# *ENSAIO DE DUREZA E DE IMPACTO*



LOM3011- Ensaio Mecânicos

Prof. Dr. Cassius O.F.T. Ruckert



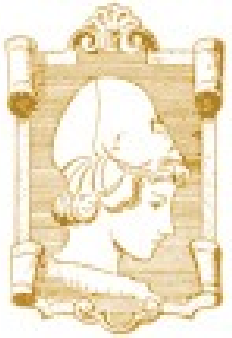
# Dureza

Deformação Elástica e  
Deformação Plástica

**Definição:** Medida da resistência de um material a uma deformação plástica (permanente) localizada (pequena impressão ou risco)

## Principais Vantagens:

- Fácil execução e barato (muito utilizado na indústria)
- Rapidez na execução
- Ensaio pode ser considerado não destrutivo (tamanho impr.)
- Conhecimento aproximado da resistência mecânica através do uso de tabelas de correlação



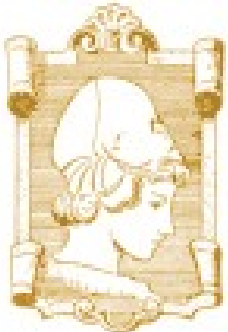
# Dureza

## Principais objetivos:

- ✓ Conhecimento das resistências mecânica e ao desgaste;
- ✓ Controle de qualidade nos processos de conformação plástica e nas condições de fabricação;
- ✓ Verificação das condições de tratamento térmico.

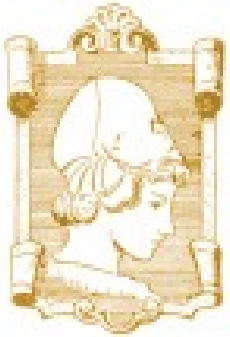
## Métodos de medição:

- Dureza de risco (escala de Mohs)
- Dureza de choque ou ressalto (Shore)
- Dureza de penetração (Brinell, Meyer, Rockwell, Vickers, Knoop)



## Seleção do Tipo de Ensaio de Dureza

Material	Tipo de Ensaio			
	Rockwell	Vickers	Knoop	Brinell
Aços macios, ligas de cobre, ligas de alumínio, ferro fundido maleável	●	●	●	●
Aços, ferros fundidos duros, ferro perlítico maleável, titânio, aço c/ endurecimento profundo	●	●	●	●
Metal duro, aços de pouca espessura, aço com endurecimento superficial	●	●	●	
Aços de pouca espessura, aço c/ endurecimento de média profundidade, ferro perlítico maleável	●	●	●	
Ferro fundido, alumínio, ligas de magnésio, metais macios	●	●	●	●
Ligas recozidas de cobre, chapas finas de metal macio	●	●	●	
Bronze fosforoso, berílio, cobre, alumínio, zinco, chumbo	●	●	●	●
Metais macios e outros materiais finos e macios	●	●	●	
Estanho	●	●	●	
Alumínio	●	●	●	●
Zinco	●	●	●	●
Pinturas e revestimentos orgânicos			●	
Borracha dura	●			
Plásticos	●	●	●	



# Dureza Mohs - risco

O primeiro método padronizado de ensaio de dureza foi baseado no processo de riscagem de minerais padrões, desenvolvido por Mohs, em 1822.

## Curiosidade Escala Mohs (1822)

- |    |                        |
|----|------------------------|
| 1  | - Talco                |
| 2  | - Gipsita              |
| 3  | - Calcita              |
| 4  | - Fluorita             |
| 5  | - Apatita              |
| 6  | - Feldspato (ortóssio) |
| 7  | - Quartzo              |
| 8  | - Topázio              |
| 9  | - Safira e corindo     |
| 10 | - Diamante             |

AUMENTO DA DUREZA

**Indicação** essencialmente qualitativa por comparação com outros minerais (*qualquer mineral da escala risca o que os precede e é riscado pelo seguinte*)

**Pouco utilizada (imprecisa) nos metais (dureza entre 4 a 8)**

**Ex. aço dúctil corresponde a uma dureza de 6 Mohs, a mesma dureza Mohs de um aço temperado.**



# Dureza Shore (HS) – choque ou ressalto

Shore propôs uma medida de dureza por choque que mede a altura do ressalto de um peso que cai livremente até bater na superfície lisa e plana de um CP. Esta altura de ressalto mede a perda de energia cinética do peso, absorvida pelo CP.

## Características e vantagens:

- Normalmente equip. portátil e de fácil utilização;
- Possibilidade de medir durezas de peças de grandes dimensões que não cabem em máquinas de penetração;
- Impressão muito pequena sendo utilizada em peças acabadas (controle qualidade);
- Utilizado em polímeros, borracha e metais.

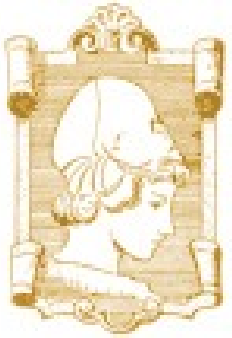


**Bancada**

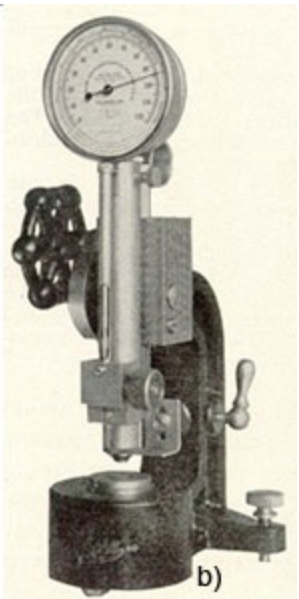


**Portáteis**





# Dureza Shore



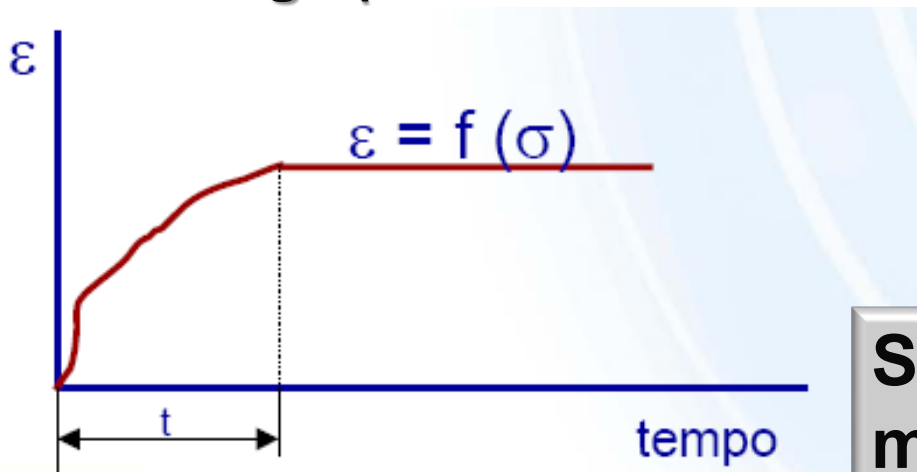
Escleroscópio Shore



# Dureza por penetração (princípios gerais)

## Cuidados na realização dos ensaios:

- Perpendicularidade entre a força e a superfície da peça;
- Aplicação lenta da carga;
- Preparação correta da superfície da peça;
- Tempo de espera após aplicação da carga antes da descarga (fenômeno de fluência transitória).



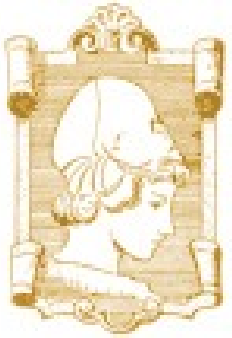
### Valores de t:

Mg – 60s

Aços – 10s

São os ensaios de dureza mais utilizados na atualidade





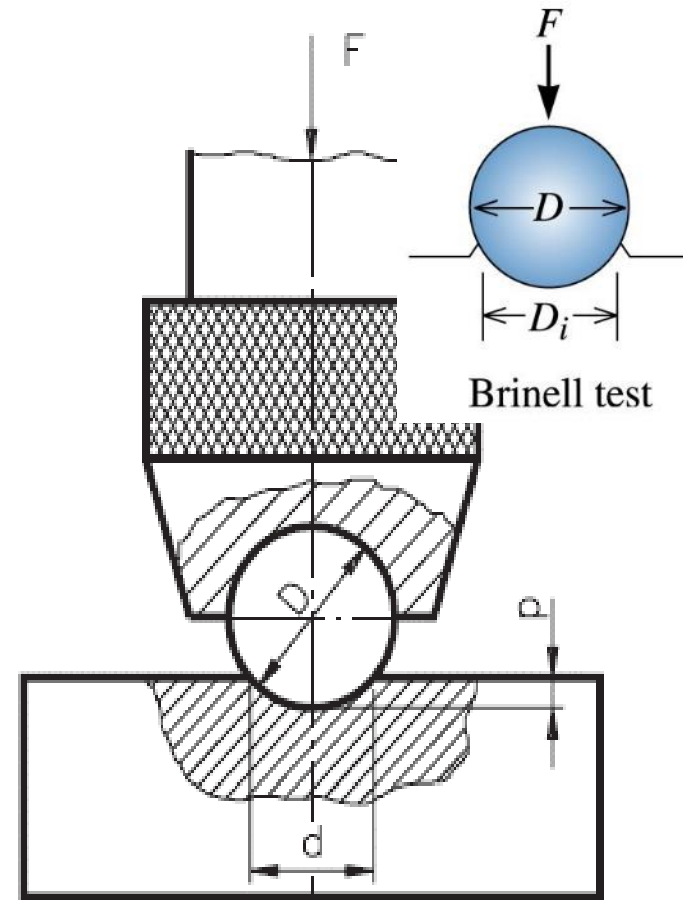
# Dureza Brinell (HB) – Ano 1900

Consiste em comprimir lentamente uma esfera de aço endurecido ou de carbeto de tungstênio (CW), de diâmetro  $D$ , sobre uma superfície polida e limpa de um metal através de uma carga  $F$ , durante um tempo  $t$ .

Penetrador esférico  $\phi$  : 1,2 ,5 ou 10 mm

Cargas: entre 500 e 3000 kg

Tempo: entre 10 e 30 s



$P$  = prof. de impressão (da calota)

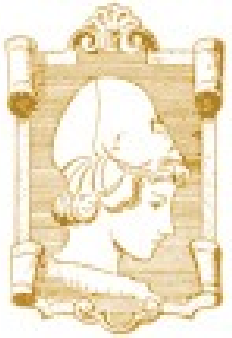
$$HB = \frac{F}{A_c} \quad HB = \frac{F}{\pi Dp}$$

**Dureza Brinell**



# Dureza Brinell (HB)

Teste de Dureza  
Brinell



# Relação carga (F) – diâmetro do penetrador (D)

A relação carga aplicada e diâmetro do penetrador é dada por:

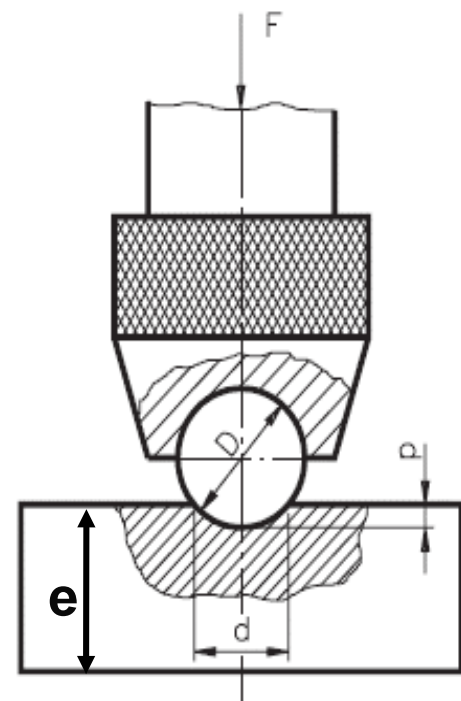
$$\frac{F}{D^2} = K = Cte. \quad \text{(Fator de carga)}$$

$\frac{F}{D^2}$	DUREZA	MATERIAIS
30	90 a 415 HB	Aços e ferros fundidos
10	30 a 140 HB	Cobre, alumínio e suas ligas mais duras
5	15 a 70 HB	Ligas antifricção, cobre, alumínio e suas ligas mais moles
2,5	até 30 HB	Chumbo, estanho, antimônio e metais-patente



# Dureza Brinell (HB)

O diâmetro da esfera ( $D$ ) é determinado em função da espessura do CP ensaiado ( $e$ ). No caso da norma brasileira, a espessura mínima do material ensaiado deve ser 17 vezes a profundidade da calota ( $p$ ).



O quadro a seguir mostra os diâmetros de esfera mais usados e os valores de carga para cada caso, em função do fator de carga escolhido.

DIÂMETRO DA ESFERA (mm)	$F \text{ (kgf)} = 30 D^2$	$F \text{ (kgf)} = 10 D^2$	$F \text{ (kgf)} = 5 D^2$	$F \text{ (kgf)} = 2,5 D^2$
10	3.000	1.000	500	250
5	750	250	125	62,5
2,5	187,5	62,5	31,25	15,625

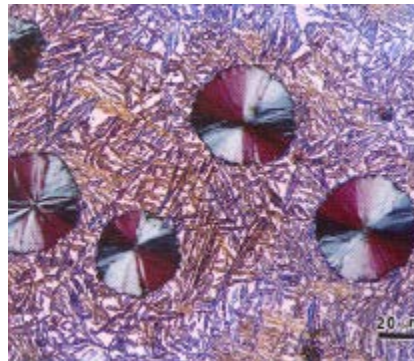


# Mecanismo de Medição Brinell

$$HB = \frac{2F}{\pi D(D - \sqrt{D^2 - d^2})}$$

- D=diâmetro da esfera
- d=diâmetro da impressão\*

\*medido através de microscópio especial, utilizando uma escala gravada em sua ocular

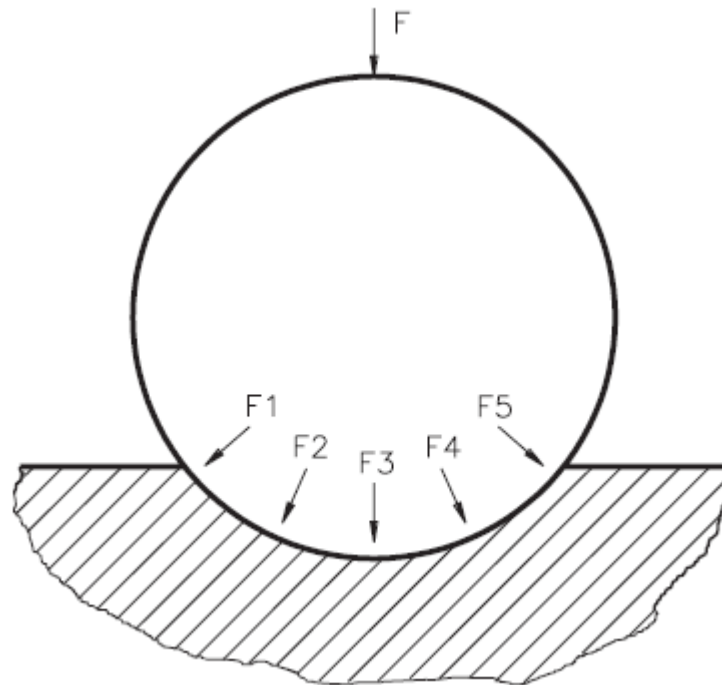


**Dureza Brinell**



# Dureza Brinell (HB)

A unidade  $\text{kgf/mm}^2$ , que deveria ser sempre colocada após o valor de HB, é omitida, uma vez que a dureza Brinell não é um conceito físico satisfatório, pois a força aplicada no material tem valores diferentes em cada ponto da calota.

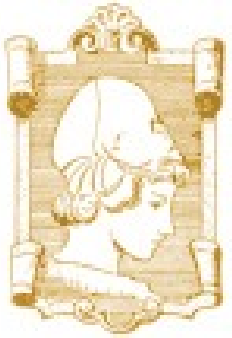




**Tabela que fornece os valores de dureza Brinell normal, em função de um diâmetro de impressão d.**

DUREZA BRINELL EM FUNÇÃO DO DIÂMETRO DA IMPRESSÃO (DIÂMETRO DA ESFERA DO PENETRADOR: 10 MM)			
d (mm)	HB (F = 3000 kgf)	d (mm)	HB (F = 3000 kgf)
2,75	(495)	4,05	223
2,80	(477)	4,10	217
2,85	(461)	4,15	212
2,90	444	4,20	207
2,95	429	4,25	201
3,00	415	4,30	197
3,05	401	4,35	192
3,10	388	4,40	187
3,15	375	4,45	183
3,20	363	4,50	179
3,25	352	4,55	174
3,30	341	4,60	170
3,35	331	4,65	167
3,40	321	4,70	163
3,45	311	4,75	159
3,50	302	4,80	156
3,55	293	4,85	152
3,60	285	4,90	149
3,65	277	4,95	146
3,70	269	5,00	143
3,75	262	5,10	137
3,80	255	5,20	131
3,85	248	5,30	126
3,90	241	5,40	121
3,95	235	5,50	116
4,00	229	5,60	111





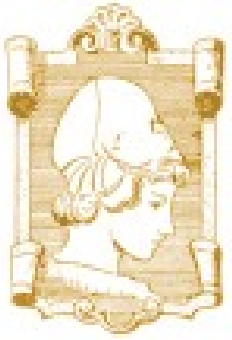
# Relação entre dureza Brinell e limite de resistência

No caso dos aços existe uma relação empírica entre dureza Brinell e o limite de resistência,  $\sigma_r$ , dada por:

$$\sigma_r = 0,36 * HB \quad [\text{kgf/mm}^2]$$

Segundo O'Neill, o valor de 0,36 vale para aços doces, entretanto este valor pode mudar para:

- 0,49 para Ni recozido
- 0,41 para Ni e latão encruado
- 0,52 para cobre recozido
- 0,40 para alumínio e suas ligas.



# Dureza Brinell (HB)

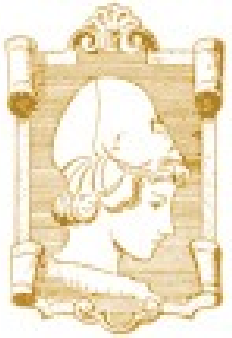
## Vantagens e limitações

### **Vantagens:**

- Conhecimento aproximado da resistência do material sem atingir a ruptura;
- Baixo custo e simples operação;
- A deformação produzida não afeta o comportamento do material;
- Ensaio pode ser considerado não destrutivo (depende do tamanho da impressão final e do uso do componente)

### **Limitações:**

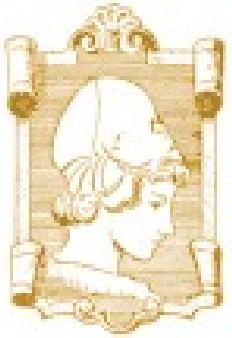
- Não é aplicável em peças muito finas e em materiais muito duros;
- Método relativamente lento para a produção industrial;
- A impressão obtida é muito grande para peças acabadas.



# Dureza Rockwell (HR) - 1922

- Método mais utilizado para se medir dureza
- Elimina o tempo necessário para a medição de qualquer dimensão da impressão causada, pois o resultado é diretamente lido na máquina de ensaio, sendo portanto rápido e livre de erros humanos;
- Fácil execução, facilidade em detectar pequenas diferenças de durezas e pequeno tamanho da impressão;
- Ensaio Rockwell superficial é realizado em corpos de prova mais finos (delgados).





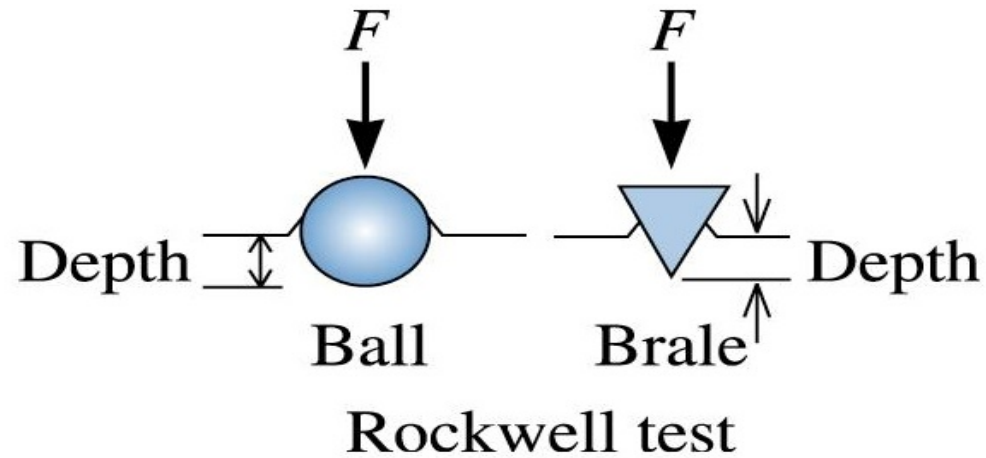
# Dureza Rockwell (HR)

Teste de Dureza  
Rockwell



# Método de Medição Rockwell

- Índice (HR) é determinado pela diferença na profundidade de penetração de uma carga inicial (pré-carga) seguida de uma carga principal.



- Ensaio Rockwell
  - Pré-carga = 10 kgf
  - Principal = 60, 100 e 150 kgf
- Ensaio Rockwell Superficial
  - Pré-carga = 3 kgf
  - Principal = 15, 30 e 45 kgf

## Penetradores do ensaio Rockwell:

- Esferas de aço endurecidas com  $\phi$  : 1/16, 1/8, 1/4 e 1/2 pol.
- Penetradores cônicos de diamante (brale) usado para materiais mais duros

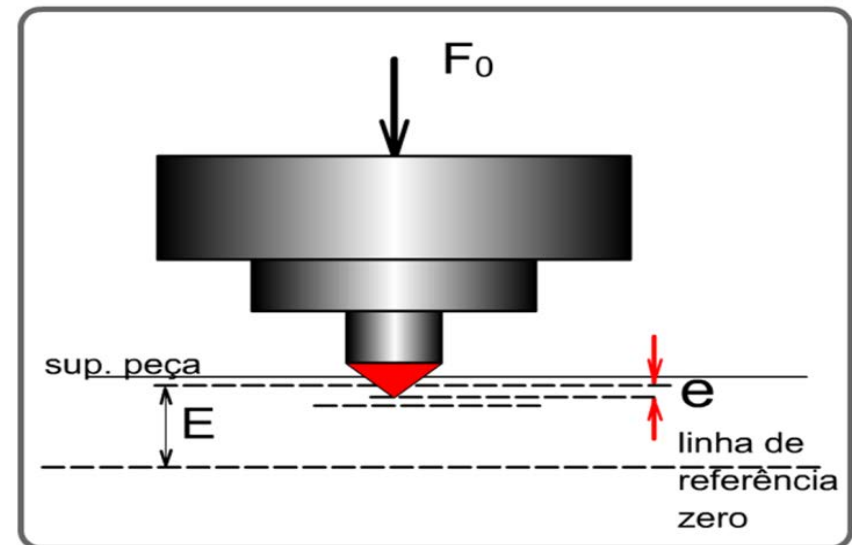


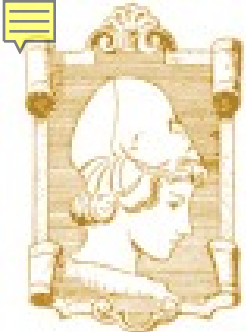
# Dureza Rockwell

$$HR = E - e$$

Onde:

- $e$  = aumento permanente da profundidade de penetração devido à carga maior  $F_1$  medido em unidades de 0,002 mm
- $E$  = constante que depende do formato do endentador: 100 para endentador de diamante, 130 para endentador de esfera de aço
- $HR$  = valor da dureza Rockwell
- $F_0$  = pré-carga em kgf
- $F_1$  = carga em kgf
- $F = F_0 + F_1$  = carga total em kgf



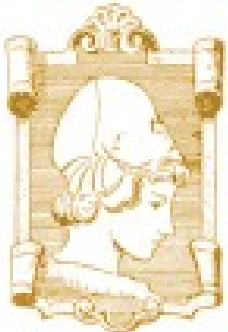


## Indicações de aplicação do Ensaio de Dureza Rockwell

Escala	Endentador	Carga Maior $F_1$ (kgf)	$E$	Aplicação
A	Cone diamante $120^\circ$	50	100	Chapa de aço, metal duro, aço com endurecimento superficial
B	Esfera de aço 1/16"	90	130	Cobre, ligas de alumínio, aço de baixo carbono, ferro fundido maleável
C	Cone diamante $120^\circ$	140	100	Aços endurecidos mais usados, ferro fundido duro, titânio
D	Cone diamante $120^\circ$	90	100	Aços duros de pouca espessura, ferro perlítico maleável
E	Esfera de aço 1/16"	90	130	Ferro fundido, alumínio, ligas moles
F	Esfera de aço 1/16"	50	130	Ligas de cobre recozidas, metais moles de pouca espessura
G	Esfera de aço 1/16"	140	130	Bronze fosforado, cobre-berílio, ferro fundido maleável, chumbo, etc
H	Esfera de aço 1/8"	50	130	Metais moles (Al, Zn, Pb), plásticos
K	Esfera de aço 1/8"	140	130	<b><math>F = F_0 + F_1</math></b>  Metais macios e outros materiais finos muito moles, inclusive plásticos.
L	Esfera de aço 1/4"	50	130	
M	Esfera de aço 1/4"	90	130	
P	Esfera de aço 1/4"	140	130	
R	Esfera de aço 1/2"	140	130	
S	Esfera de aço 1/2"	90	130	
V	Esfera de aço 1/2"	140	130	

**pré-carga  $F_0$  de 10 kgf.**





## Indicações de aplicação do Ensaio de Dureza Superficial Rockwell

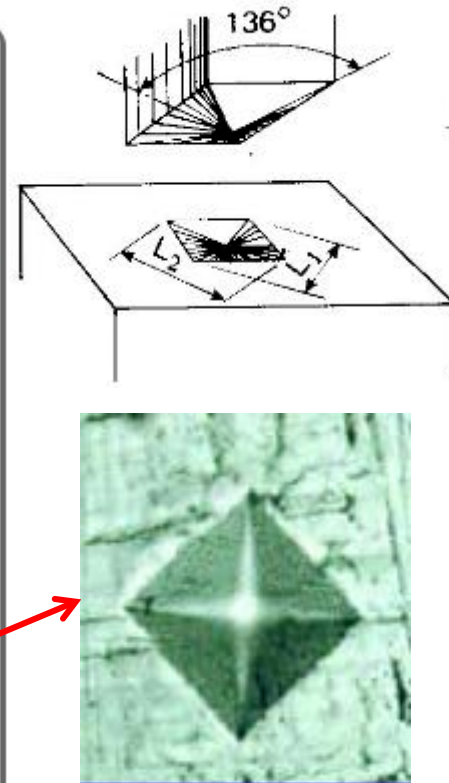
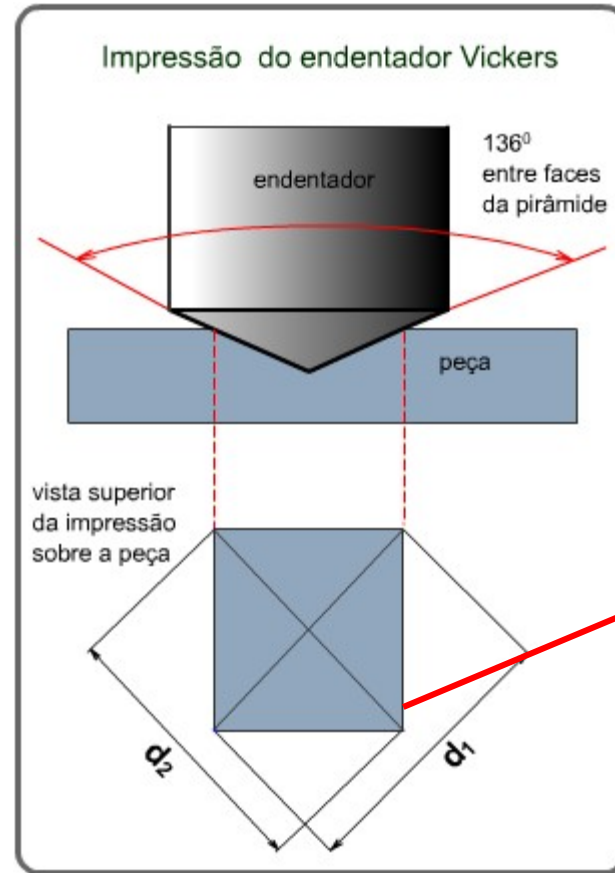
Escala	Tipo de Endentador	Carga Maior $F_1$ (kgf)	Valor de $E$	Aplicação	
HR 15 N	Cone Diamante 120°	12	100	Metal duro, aços com pouca espessura, aços com endurecimento superficial	
HR 30 N	Cone Diamante 120°	27	100	Aço, ferro fundido duro, ferro fund maleável, titânio, aço com endurecimento profundo, outros materiais mais duros que B100	
HR 45 N	Cone Diamante 120°	42	100	Aços de pouca espessura, aços endurecidos a média profundidade, ferro fundido maleável	
HR 15 T	Esfera de aço 1/16"	12	100	Ligas de cobre, aços macios, ligas de alumínio, ferro fundido maleável	
HR 30 T	Esfera de aço 1/16"	27	100	Ligas de cobre recozidas, chapas finas de metais macios	
HR 45 T	Esfera de aço 1/16"	42	100	Bronze fosforado, cobre-berílio, ferros maleáveis.	
HR 15 W	Esfera de aço 1/8"	12	100	$F = F_0 + F_1$	
HR 30 W	Esfera de aço 1/8"	27	100		
HR 45 W	Esfera de aço 1/8"	42	100		
HR 15 X	Esfera de aço 1/4"	12	100		
HR 30 X	Esfera de aço 1/4"	27	100		
HR 45 X	Esfera de aço 1/4"	42	100		
HR 15 Y	Esfera de aço 1/2"	12	100		
HR 30 Y	Esfera de aço 1/4"	27	100		
HR 45 Y	Esfera de aço 1/4"	42	100		
					Ferro fundido e magnésio, metais macios Alumínio, zinco, chumbo Aço, ferro fundido maleável, ferros fundidos duros

pré-carga  $F_0$  de 3 kgf.



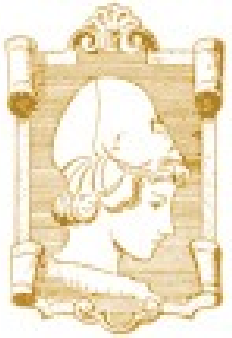
# Dureza Vickers (HV) - 1925

- O método é baseado na penetração de uma pirâmide de base quadrada, com ângulo entre as faces opostas de  $136^\circ$  feita de diamante;
- Adequado para regiões pequenas e selecionadas do corpo de prova;
- Impressão é observada em um microscópio e medida.



$$D = \frac{d_1 + d_2}{2}$$

$$HV = \frac{2F \operatorname{sen} \frac{136}{2}}{D^2} = \frac{1,8544F}{D^2}$$



# Dureza Vickers (HV) - 1925

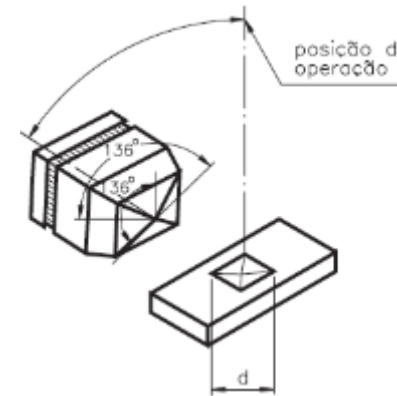
## Vantagens e limitações

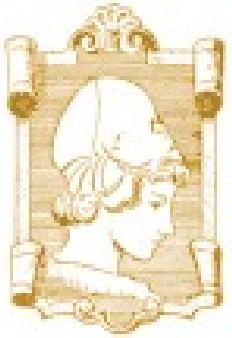
### Vantagens:

- escala contínua de dureza;
- impressões muito pequenas que não inutilizam a peça;
- grande precisão das medidas: muito utilizada em pesquisa;
- aplicação de toda a gama de durezas encontradas nos diferentes materiais;
- deformação nula do penetrador (diamante);
- aplicação em qualquer espessura de material podendo portanto medir durezas superficiais;
- diversas formulações de conversões para outras escalas.

### Limitações:

- morosidade do ensaio;
- exige preparação cuidadosa da superfície para tornar nítida a impressão;
- processo muito caro.

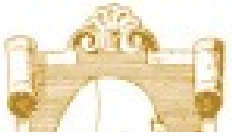




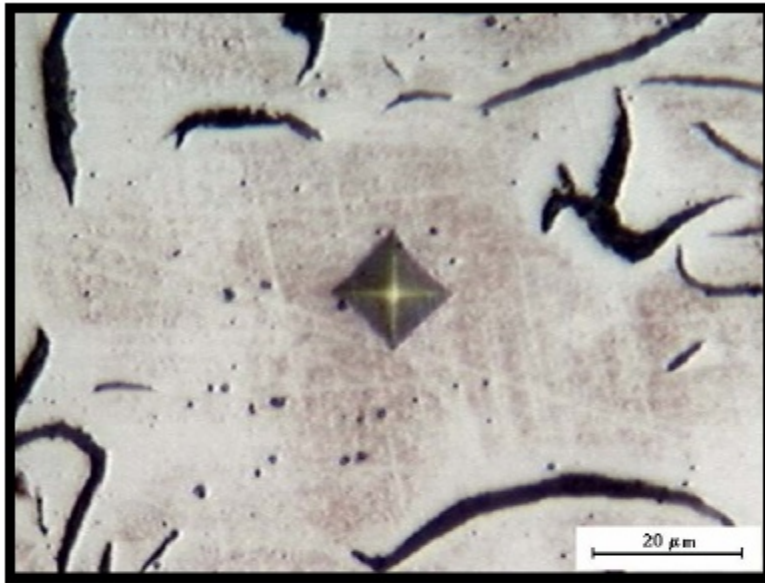
# Dureza Vickers

Teste de Dureza  
Vickers

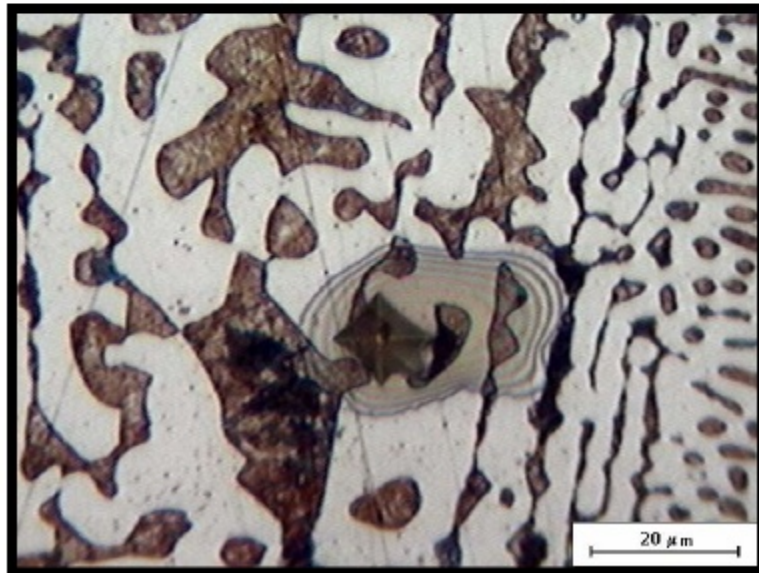
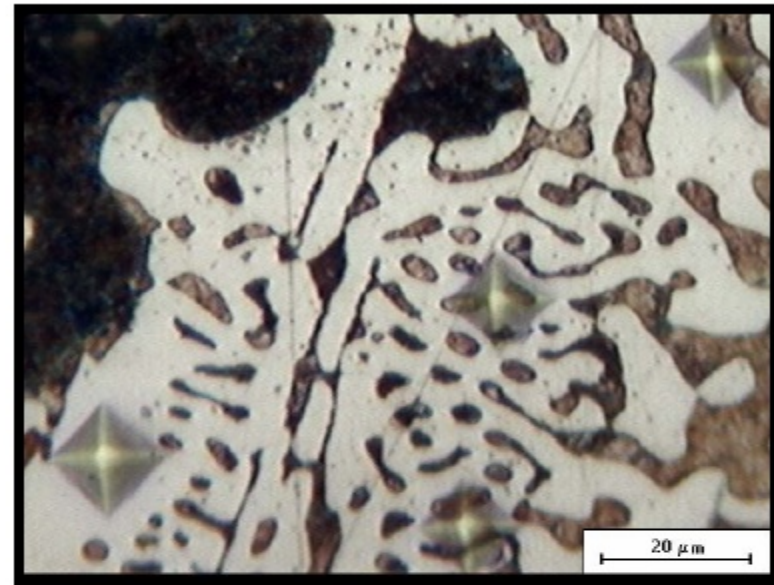




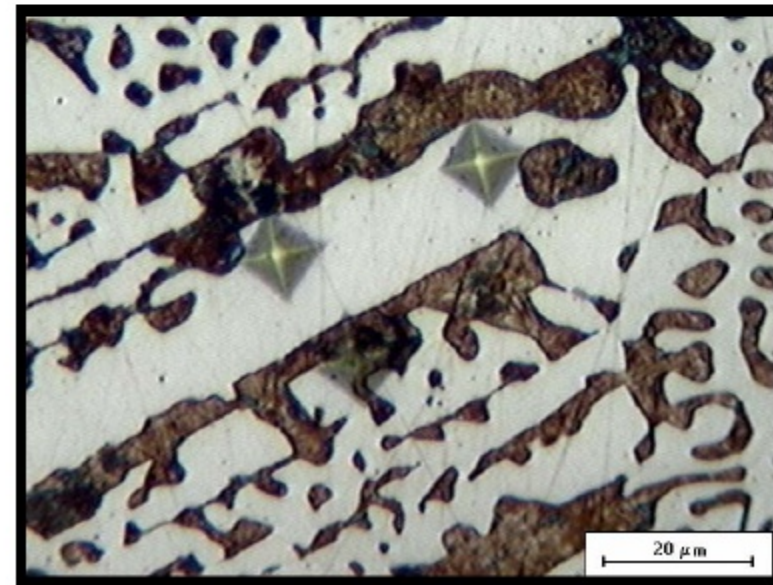
# Indentação Vickers



Indentação em um fofo Cz, na região interna aos veios de grafite. Sem ataque 500x



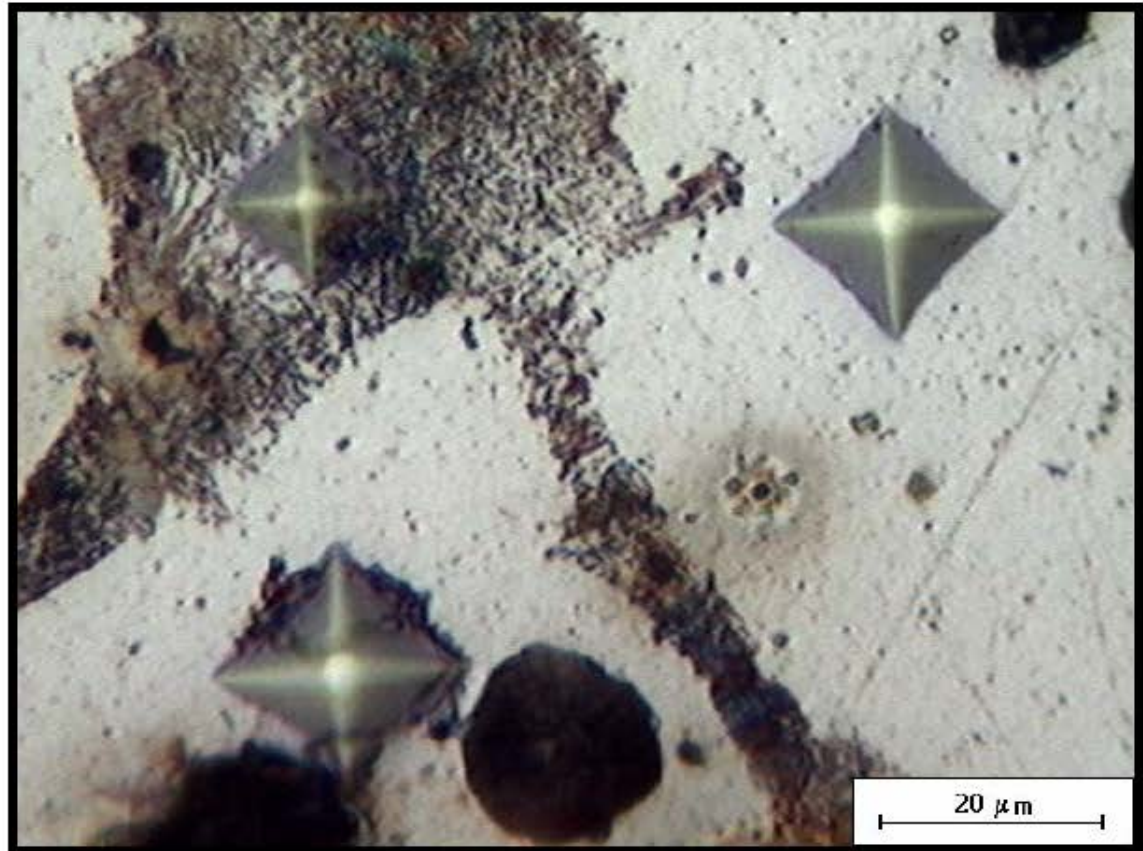
Indentação em um fofo Br Hipo, na região da Ledeburita. 951HV (Inter-Ledeburita), 750HV (fase clara - Cementita), 534HV (fase escura - Perlita). Ataque Nital, 500x

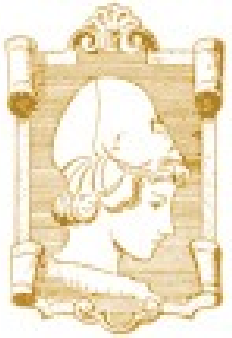




# Indentação Vickers

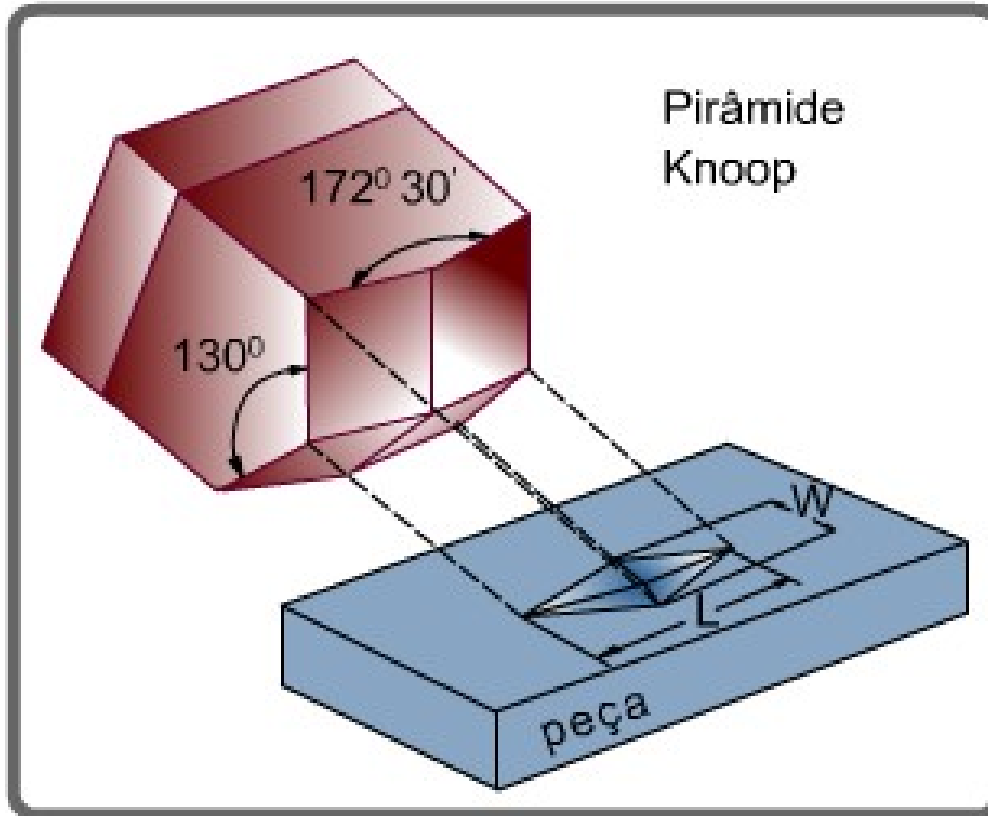
Indentação em um  
fofo Nodular,  
162HV (fase clara –  
Ferrita), 324HV  
(fase escura –  
Perlita). Ataque  
Nital, 500x





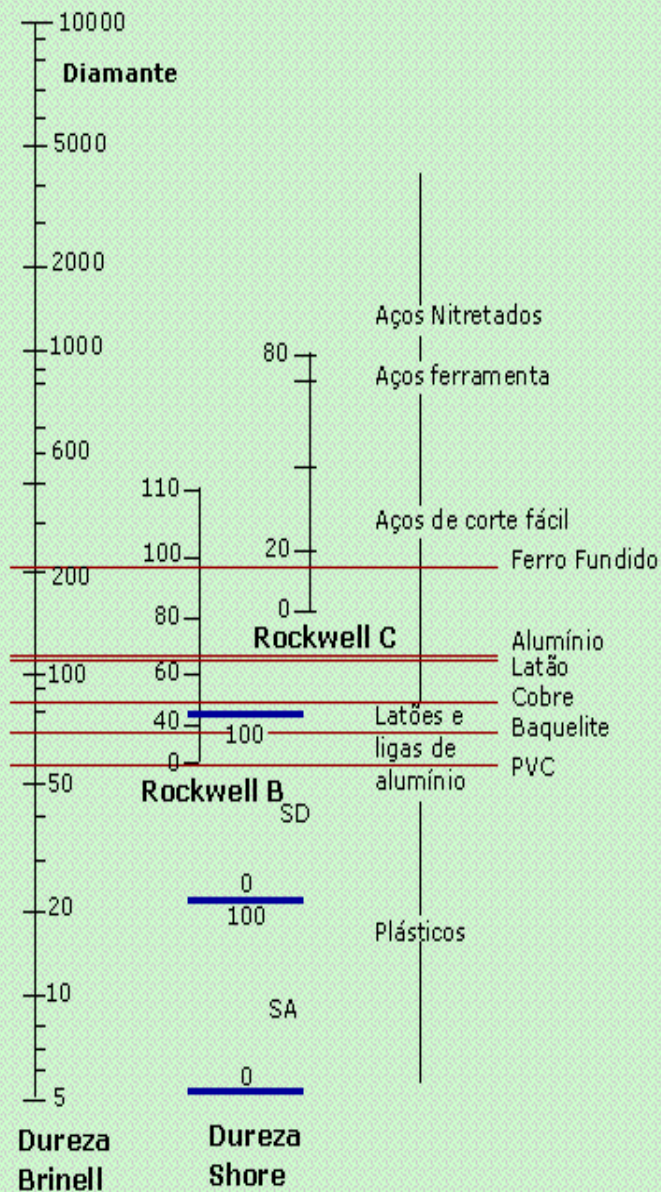
# Ensaio de dureza Knoop

**Microdureza Knoop:** utiliza o mesmo princípio de ensaio de dureza Vickers, mas o penetrador possui geometria diferente





# Comparação aproximada de escalas de dureza



Menu

Sair Vickers Shore Brinell Rockwell Resistência a Tração  
Creditos

## Conversão de Dureza

Norma SAE J-417 para aços

# Combustol

<http://www.combustol.com.br>

Rua Estrada Turística do Jaraguá, 358 - (Km 15,5 da Via Anhanguera)  
CEP: 05159-900 - São Paulo - SP Brasil  
Tel: 55 (11) 3906-3000 / 3906-3052 / 3906-3002

Brinell - Esfera de Aço - 3000 kg/10mm

**Dureza Brinell** Esfera de aço

Carga de 3000 kg esfera de 10mm

<b>Dureza Rockwell</b>	Esfera de aço	<input type="text" value="265"/>	<input type="button" value="Transformar"/>
	Esfera A		63,8
	Esfera B		
	Esfera C		27,1
	Esfera 15N		73,4
Superficial	Esfera 30N		47,8
	Esfera 45N		27,9
<b>Dureza Vickers</b>			280
<b>Dureza Brinell</b>	Esfera de tungstênio		265
<b>Dureza shore</b>			40
<b>Resistencia a tração</b>	KSI		129
	Kg/mm2		90,7

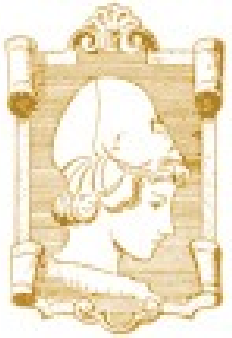


# Fratura

- Fratura consiste na separação de um corpo em dois em resposta a uma tensão imposta.
- São possíveis dois modos de fratura: **dúctil** e **frágil** baseado na habilidade de um material em experimentar uma deformação plástica

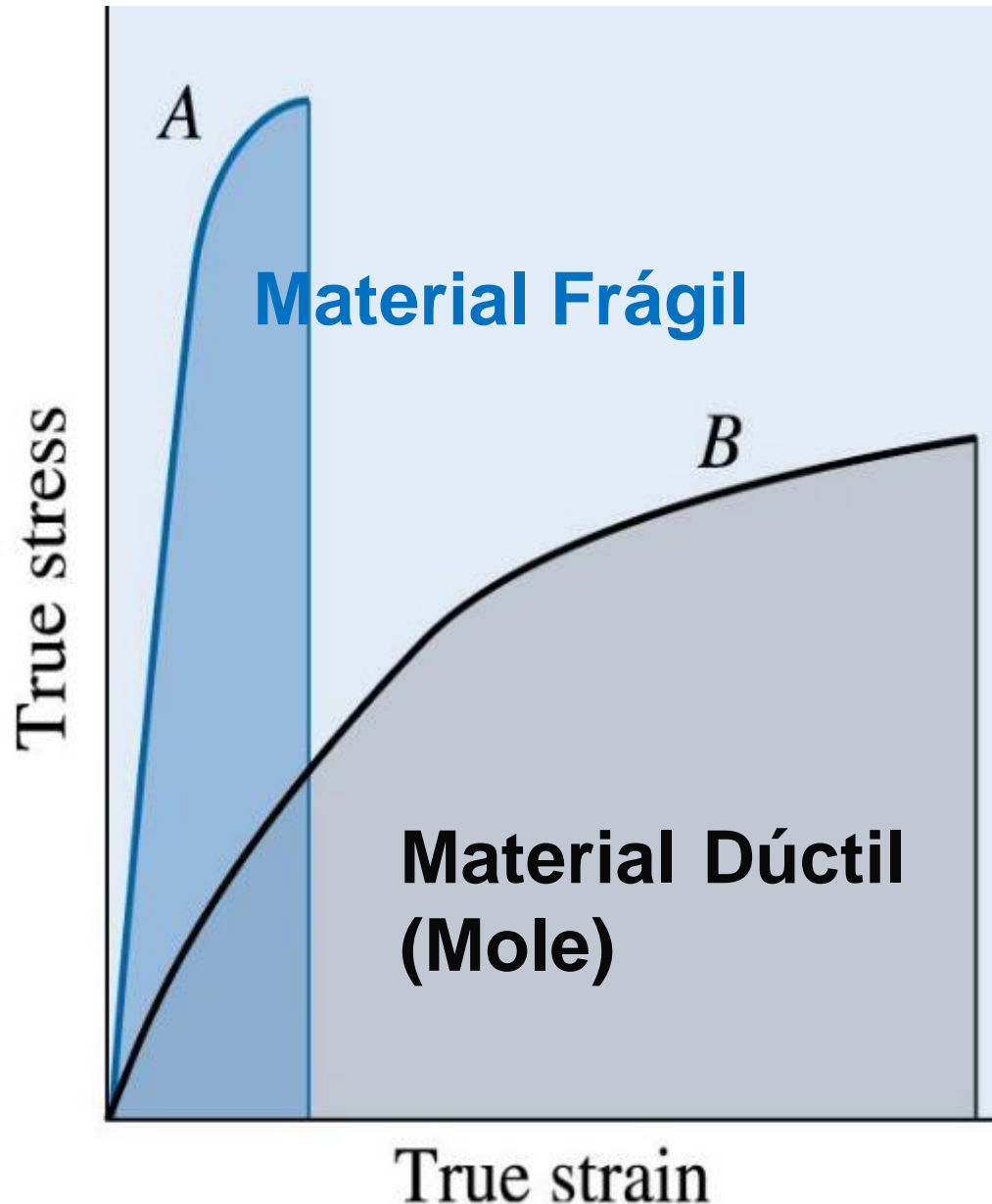


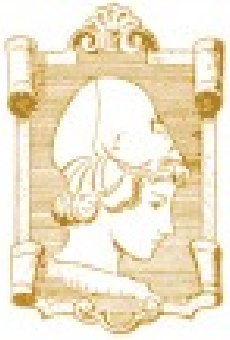
**Navio petroleiro rompido catastroficamente no porto de Nova York em 1975.**



# Ductilidade

- Indicação de quanto uma estrutura irá se deformar antes da fratura
- Especifica o grau de deformação permissível durante operações de fabricação (extrus, Lam. etc..)
- Materiais que apresentam deformação antes da fratura inferior a 5% são chamados **frágeis**.





# Fratura dúctil e frágil

O processo de fratura envolve duas etapas: formação e propagação das trincas. A modalidade da fratura é dependente do mecanismo de propagação das trincas

## ○ Fratura dúctil

- Extensa deformação plástica na vizinhança da trinca. Processo prossegue de maneira lenta (trinca estável)
- Presença de deformação plástica dá um alerta de que uma fratura é iminente
- Mais energia de deformação é necessária pois geralmente são mais tenazes

## ○ Fratura frágil

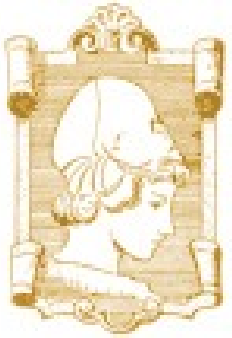
- Trincas se espalham de maneira extremamente rápida com muita pouca deformação plástica (trinca instável)
- Ocorre repentinamente e catastroficamente, conseqüência da espontânea e rápida propagação de trincas



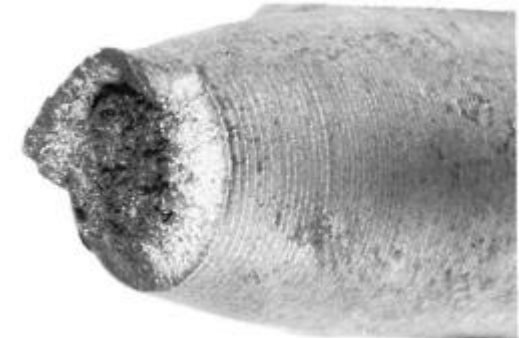
# Fratura Frágil ou Ductil





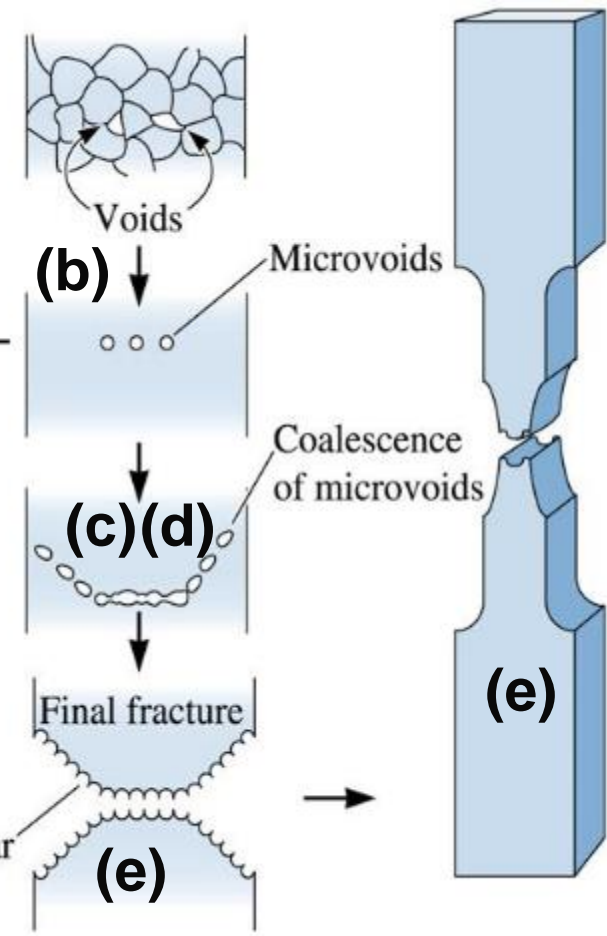
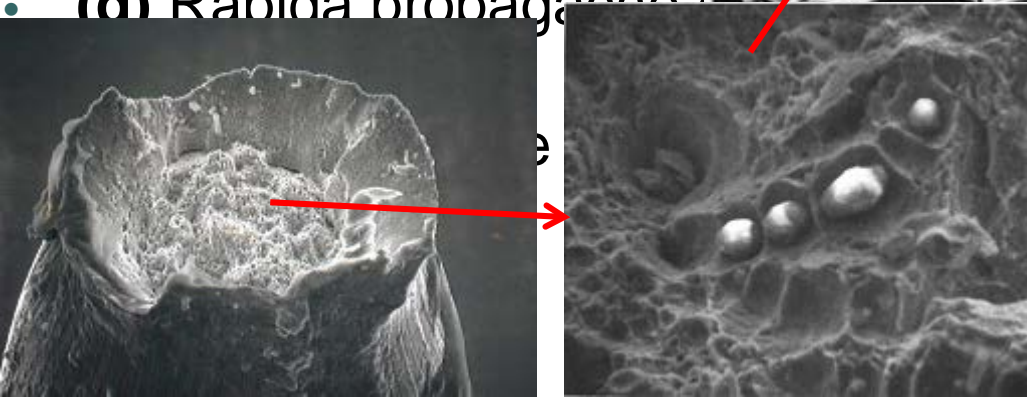
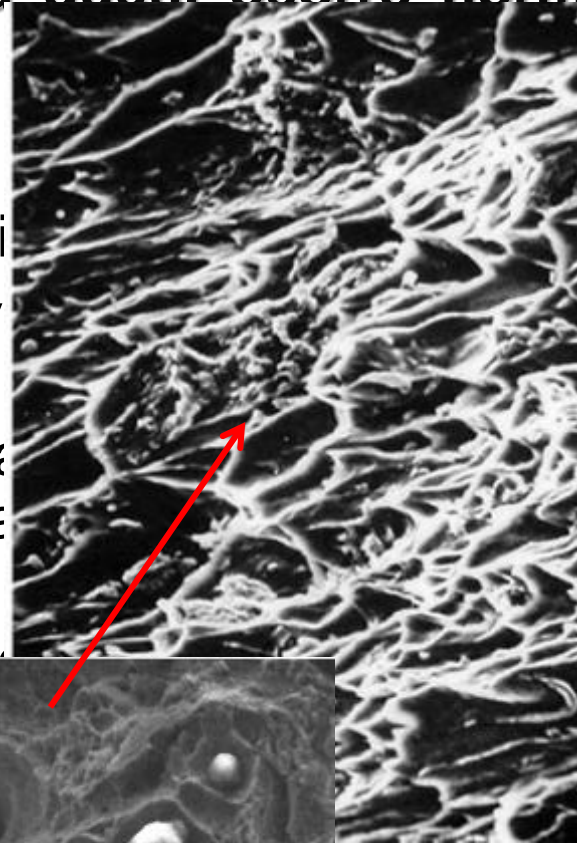


# Fratura dúctil



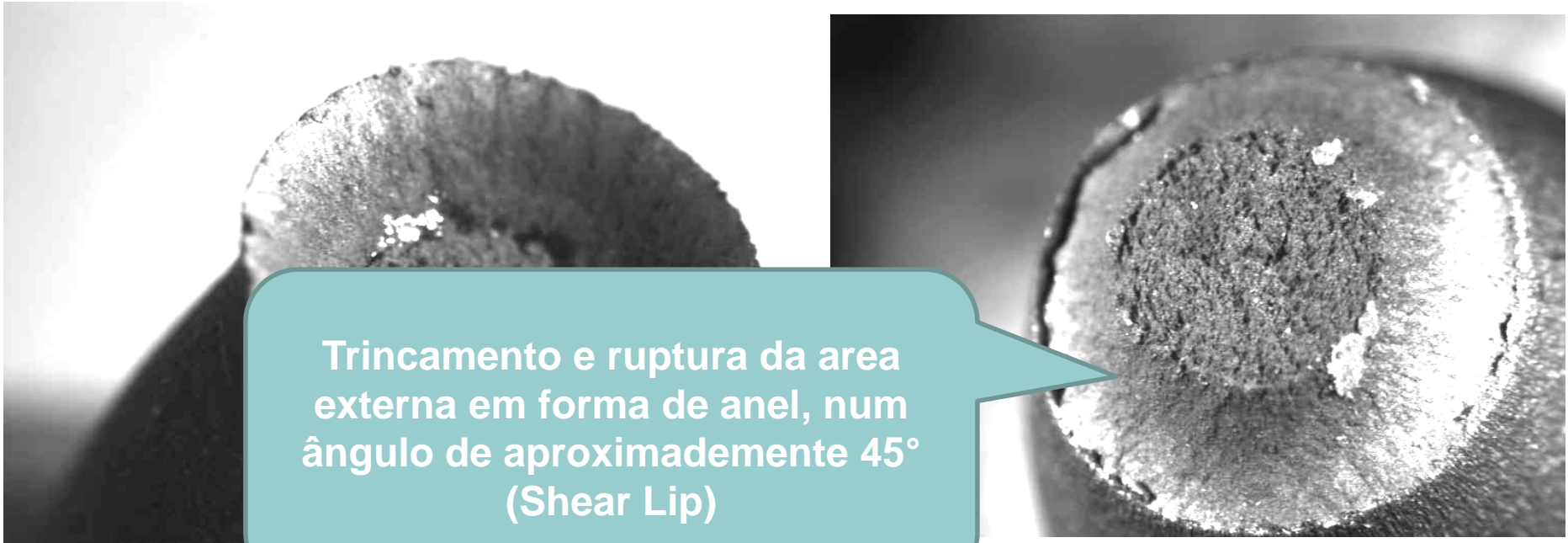
O processo de fratura dúctil ocorre normalmente em vários estágios

- (a) Empescoçamento inicial
- (b) Pequenas cavidades microvazios se formam
- (c) Microvazios aumentam e coalescem para formar elíptica
- (d) Rápida propagação

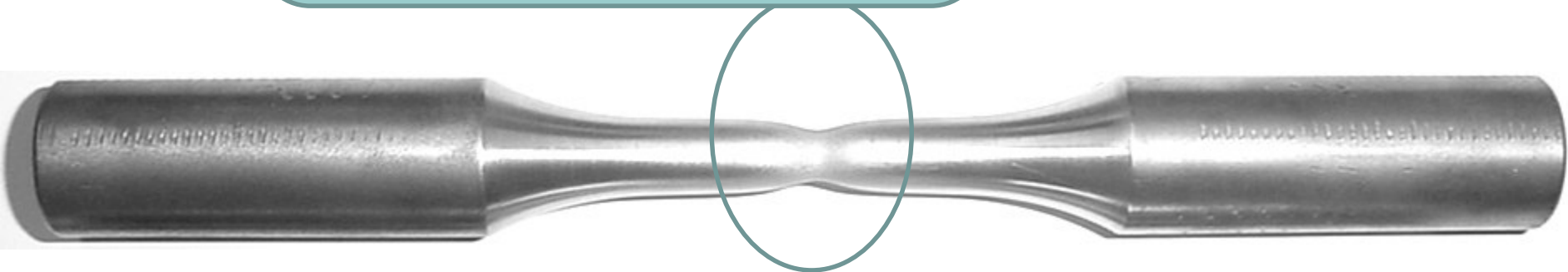




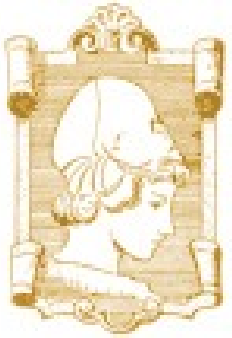
# Fratura dúctil (Tipo Taça Cone)



Trincamento e ruptura da area externa em forma de anel, num ângulo de aproximadamente 45° (Shear Lip)



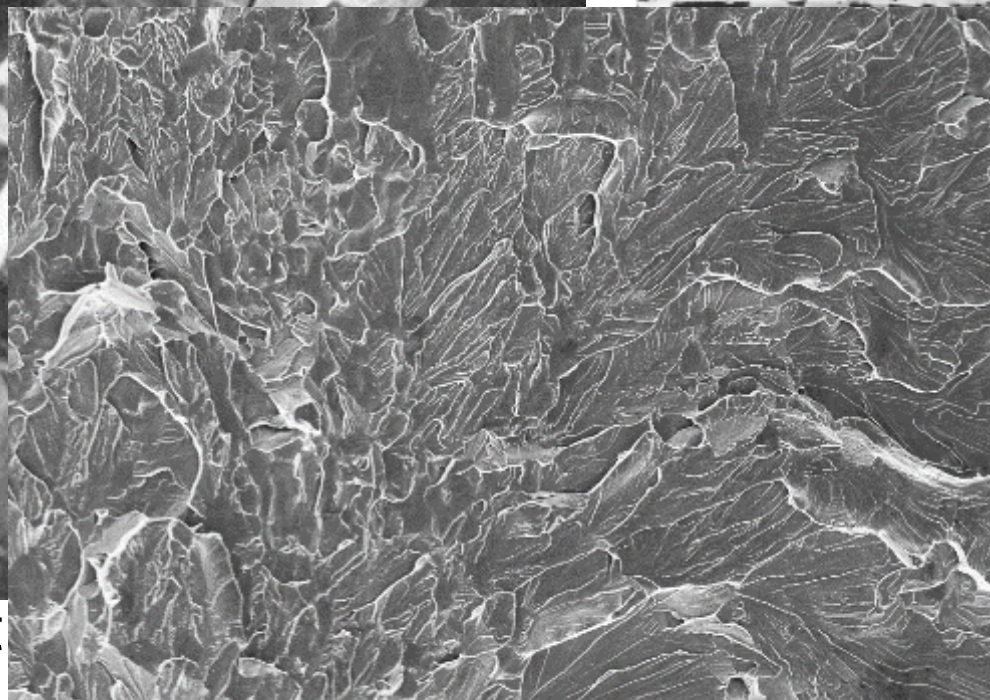
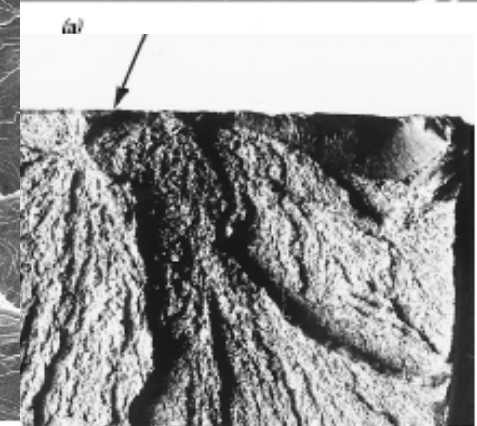
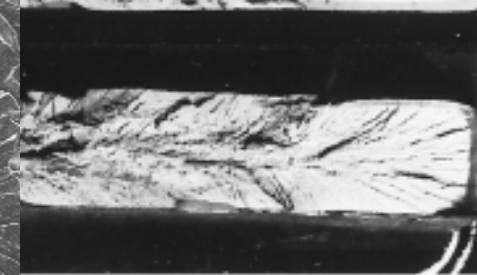
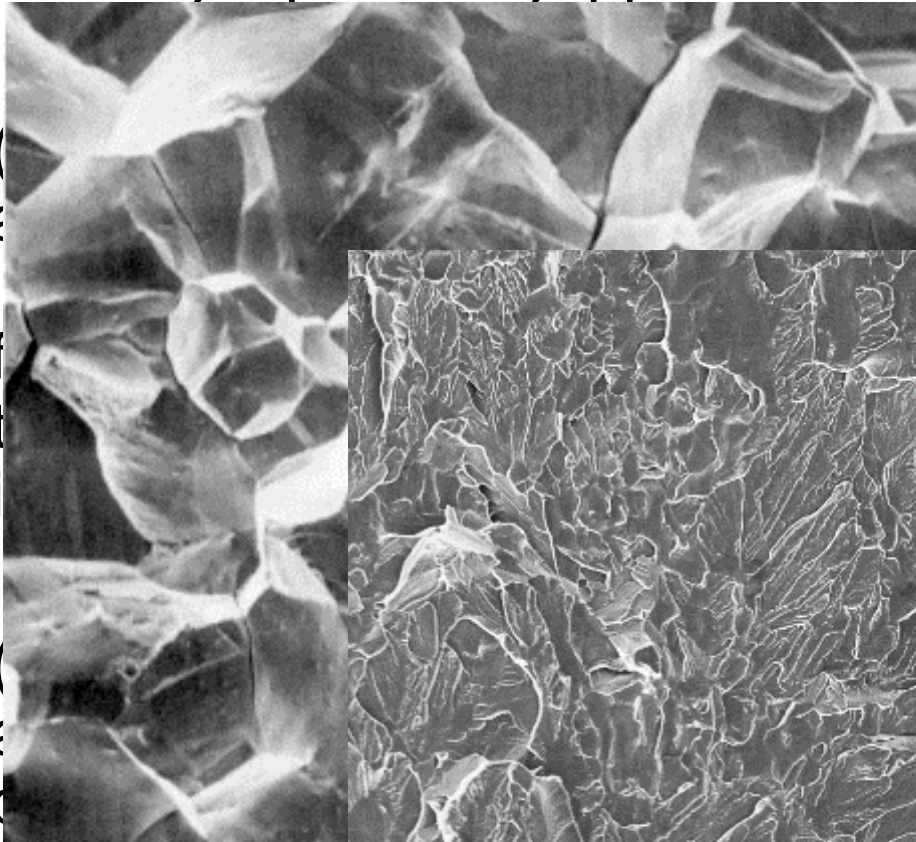




# Fratura frágil



Fratura frágil ocorre sem qualquer deformação apreciável e formação de trincas



IQSC EHT=20.00 kV WD= 22 mm Mag= 500 X Detector= SE1  
10µm Photo No. 7 25-Apr-2006

origem da t  
leque

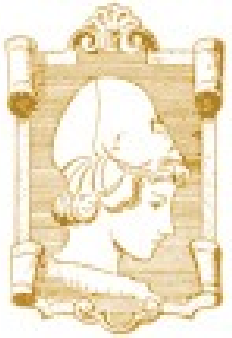


# Ensaio de Impacto

O ensaio de impacto, pela sua facilidade de ensaio e baixo custo de confecção dos CPs fez dele um dos primeiros e mais empregados para o estudo de fratura frágil nos metais. Pode-se determinar a tendência de um material a se comportar de maneira frágil.

As condições escolhidas para o ensaio são as mais severas em relação ao potencial de ocorrência de uma fratura (agravam tenac)

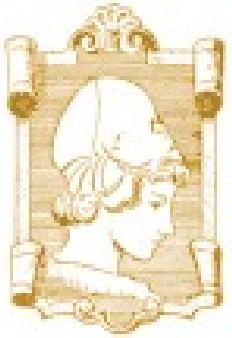
- Deformação a uma temperatura relativamente baixa (Tend. Fragil)
- Elevada taxa de deformação (Tendência a fratura frágil)
- Estado de tensão triaxial ( introduzido pela presença de um entalhe - tendência a fratura frágil)



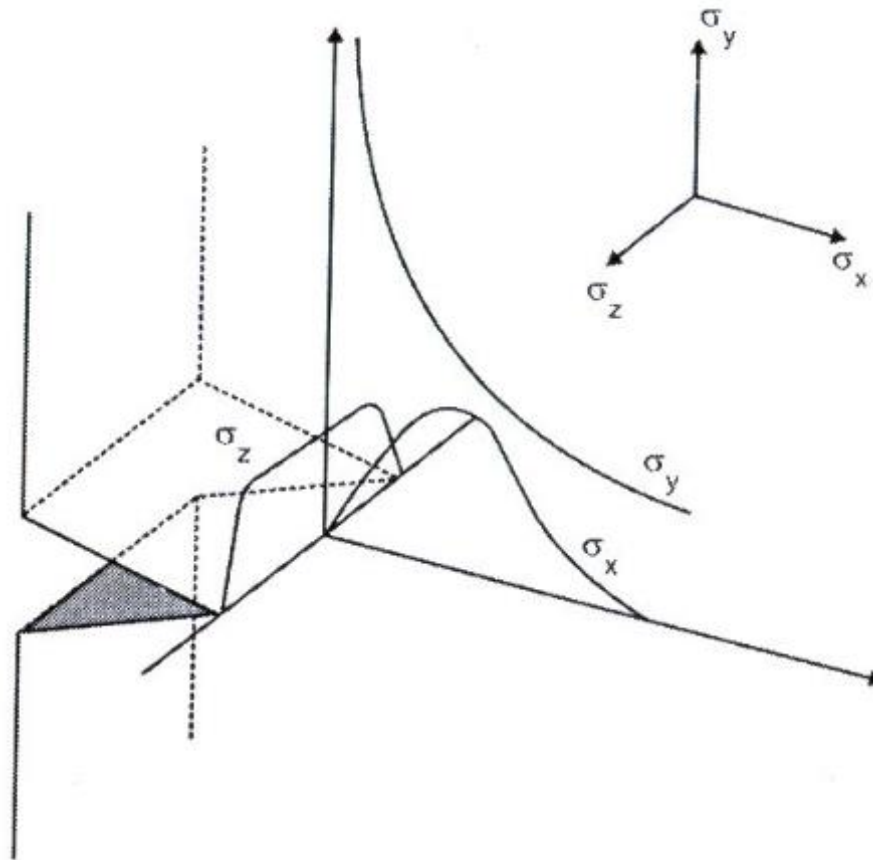
# Taxa de Solicitação ao Impacto

A velocidade de impacto têm um efeito significativo no comportamento do material metálico ou polimérico. Em baixa velocidade de impacto o material pode apresentar um comportamento de fratura dúctil e em altas velocidades frágeis.

Velocidades de Impacto m/s	Casos Típicos
3 - 300	Projétil de arma de fogo
330 - 3300	Saque em Tênis de Campo
33 - 330	Ensaio de Impacto Izod
0,033 - 0,33	Ensaio Convencionais de Tração



# Efeito Geometria do Entalhe



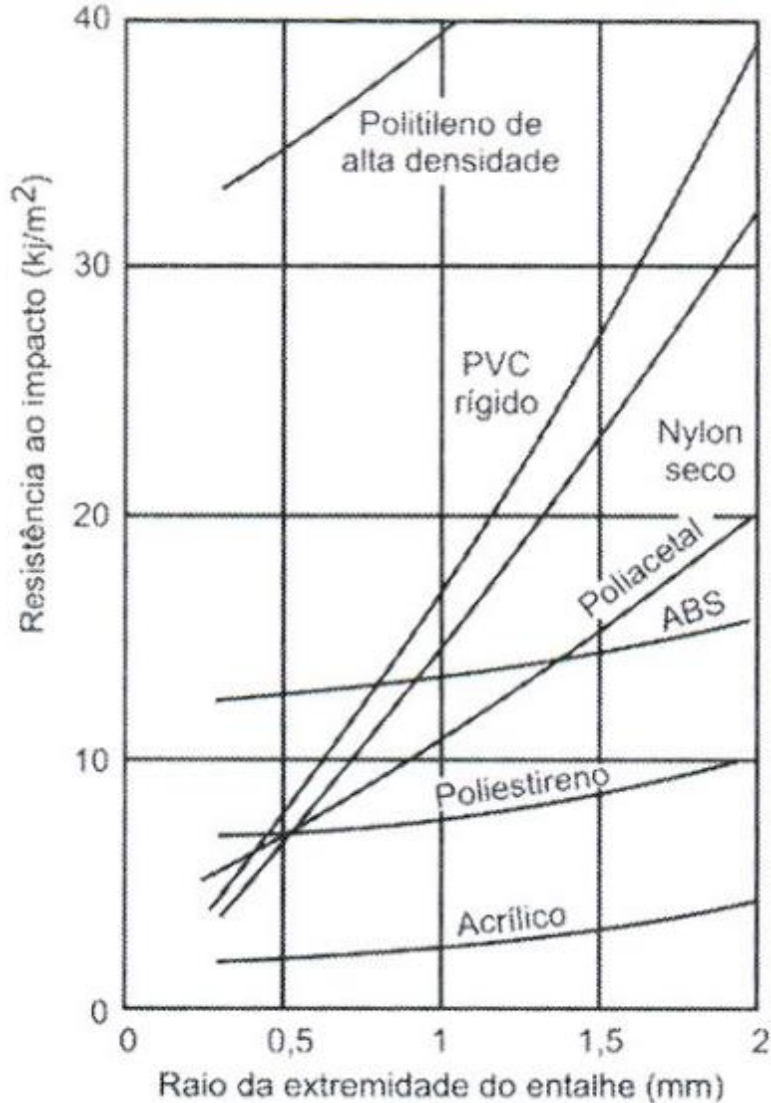
- A restrição plástica no entalhe produz um estado de tensão triaxial, sendo a concentração de tensão no entalhe dada por:

onde  $\omega$  é ângulo interior do entalhe.

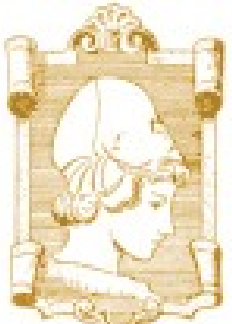
$$K_{\sigma} = \left( 1 + \frac{\pi}{2} - \frac{\omega}{2} \right)$$



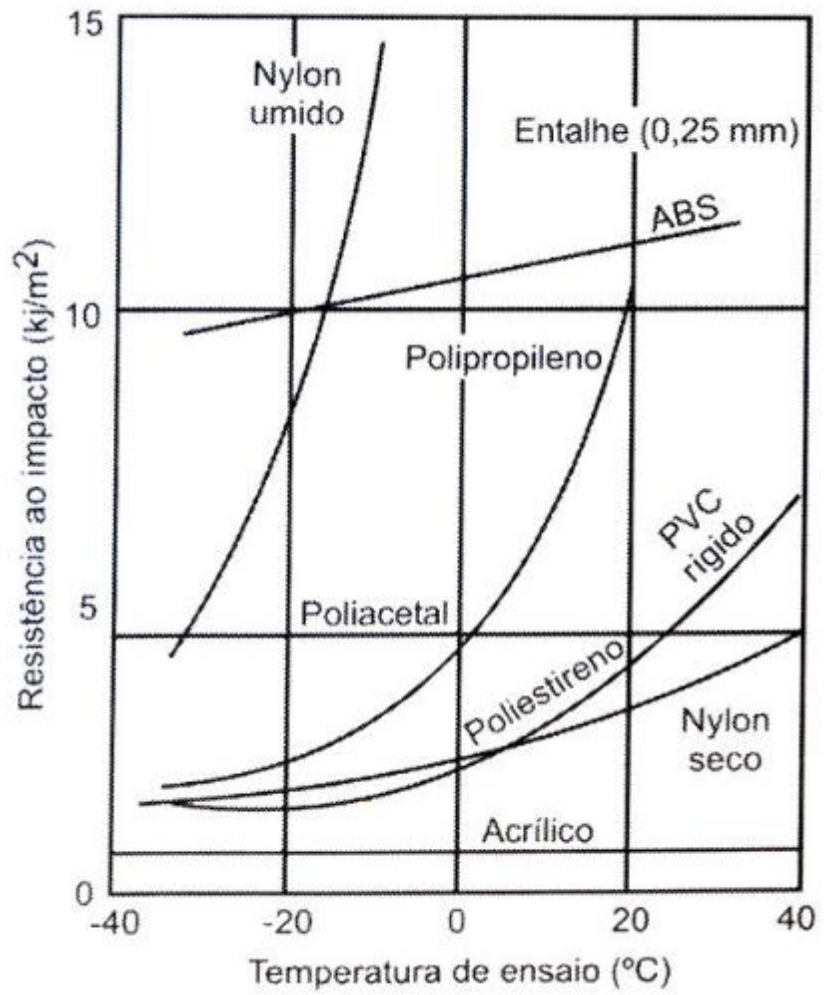
# Efeito Geometria do Entalhe



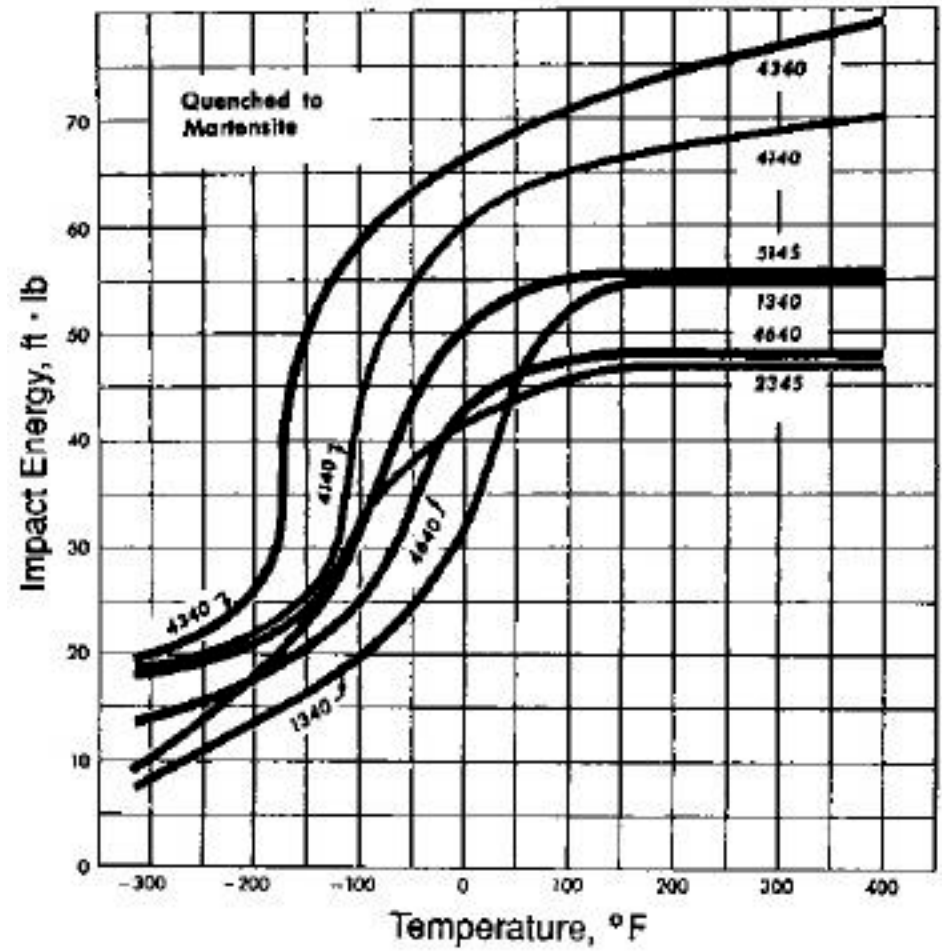
Tanto a profundidade quanto o raio de curvatura da extremidade do entalhe têm efeito significativo no comportamento a fratura do material



# Efeito Temperatura na Res. Impacto

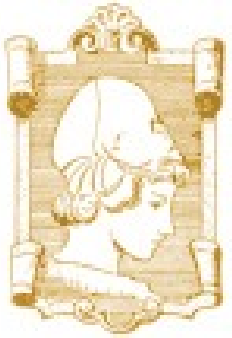


**Polímeros**



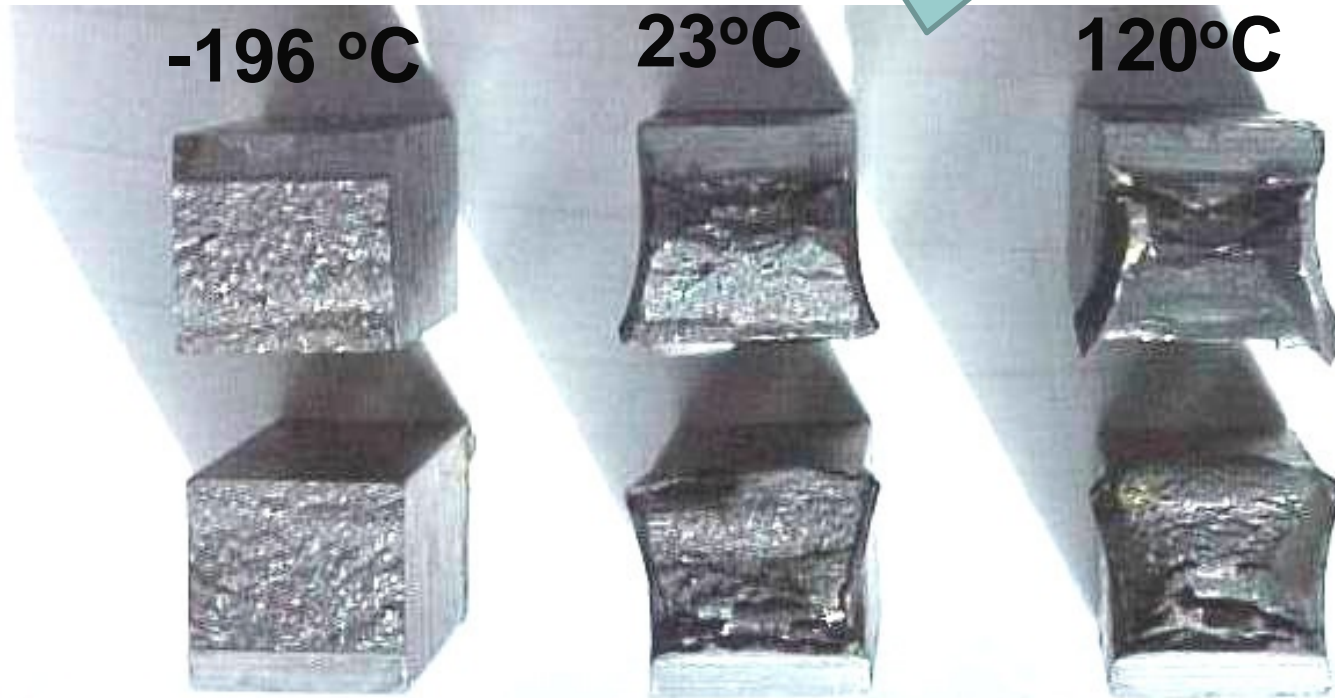
**Metais**





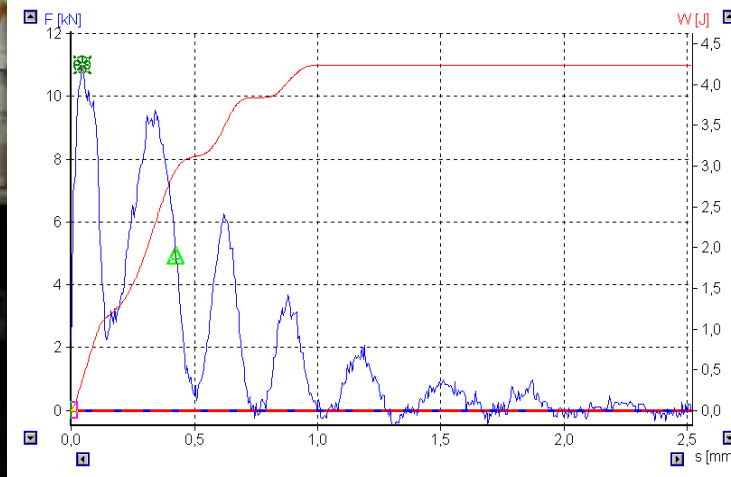
# Efeito Temperatura na Res. Impacto

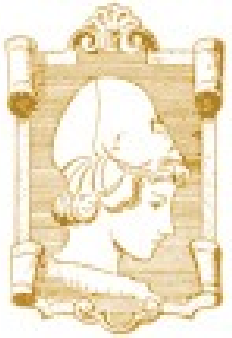
Através do ensaio Charpy pode-se verificar se um material tem uma temperatura de transição dúctil-frágil





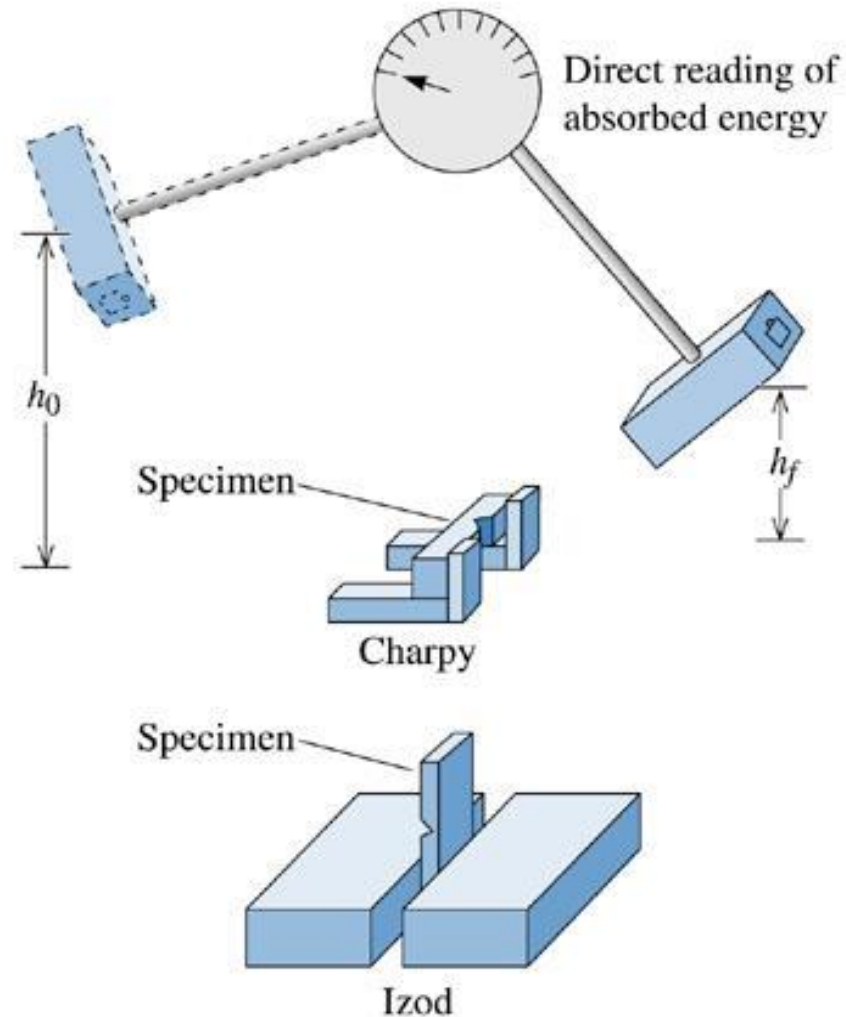
# Máquina de Ensaio Charpy

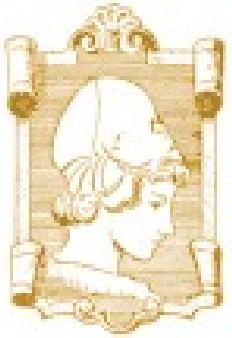




# Técnicas de Ensaio de Impacto: Charpy e Izod

- As técnicas Charpy e Izod são utilizadas para medir a energia de impacto.
- O corpo de prova possui o formato de uma seção quadrada com um entalhe em “V”
- Diferença entre as técnicas Charpy e Izod é como o corpo de prova é sustentado
- A energia absorvida é medida através da diferença entre  $h$  e  $h'$  e corresponde à energia de impacto





# Ensaio de Impacto

Para os ensaios com o pêndulo (Charpy e Izod) a  $E_{pot}$  da elevação do martelo se transforma em  $E_{cin}$  na descida. Parte desta energia é transferida para o CP, provocando sua ruptura.

$$E_{abs} = WR (\cos \beta - \cos \alpha)$$

$E_{abs}$  é a energia absorvida  
pelo CP

Esquema do Pêndulo  
de Impacto



# Ensaio Impacto Charpy

Pêndulo e Configuração do  
Teste Charpy



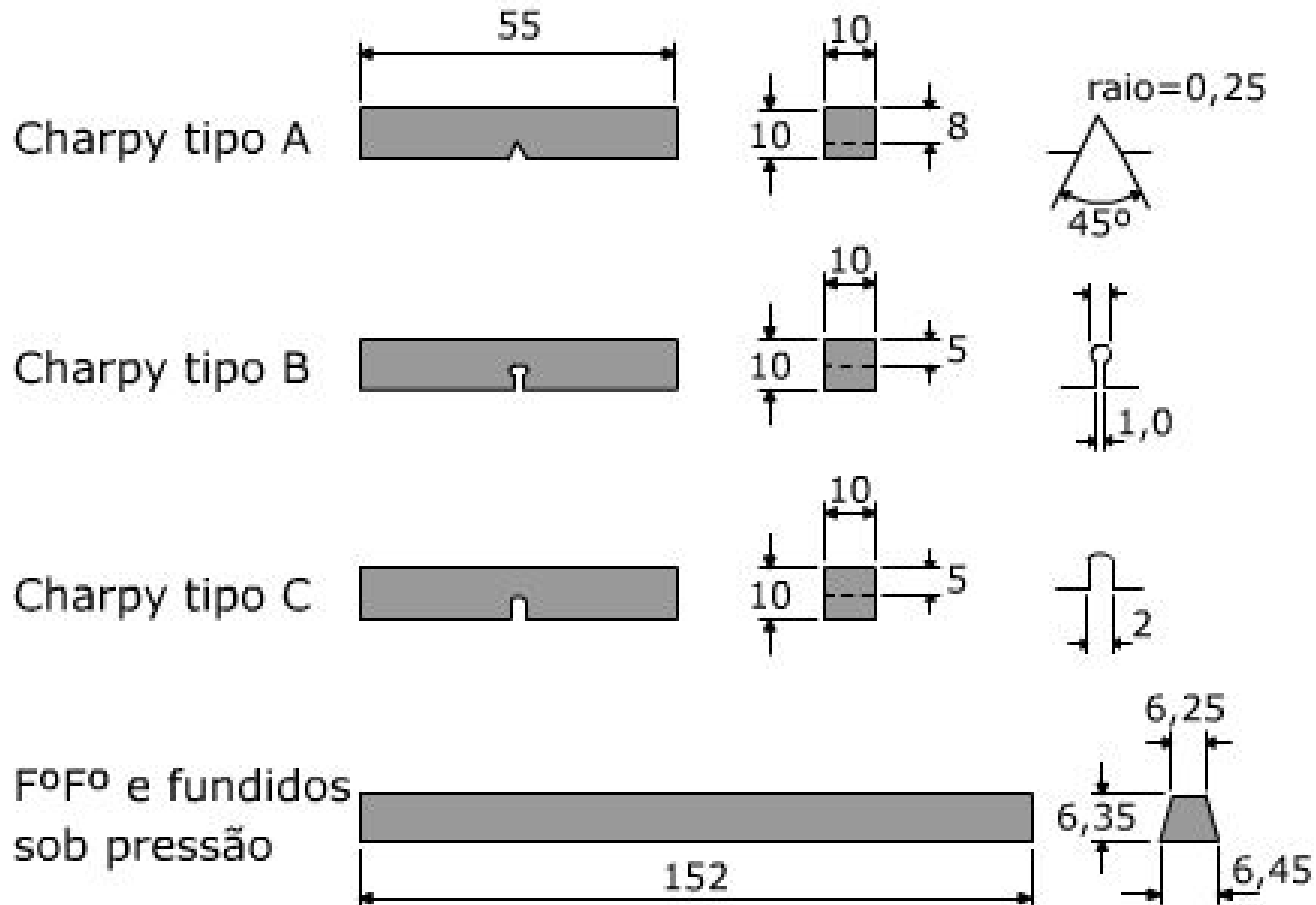
# Ensaio Impacto Charpy

Posição de impacto sobre o corpo de prova  
**Charpy**

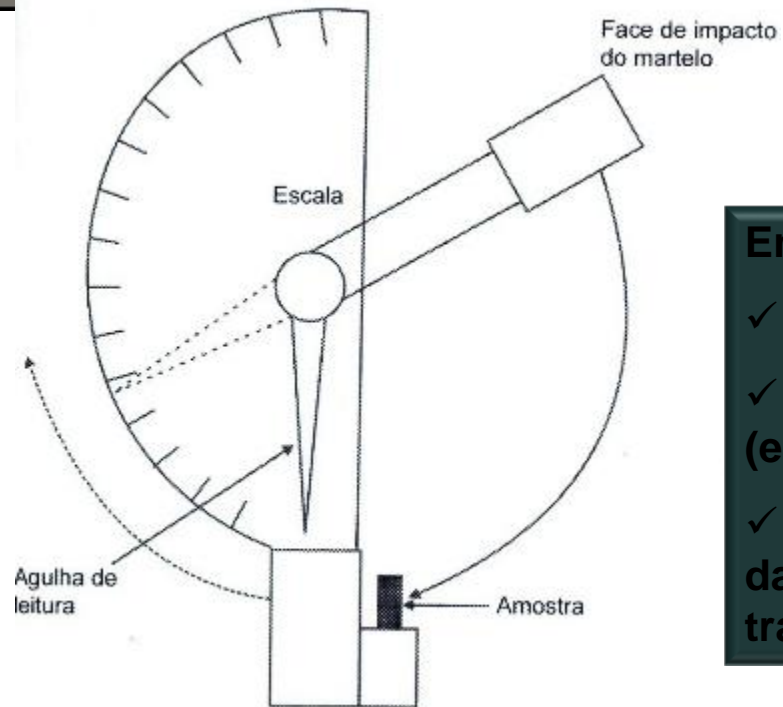
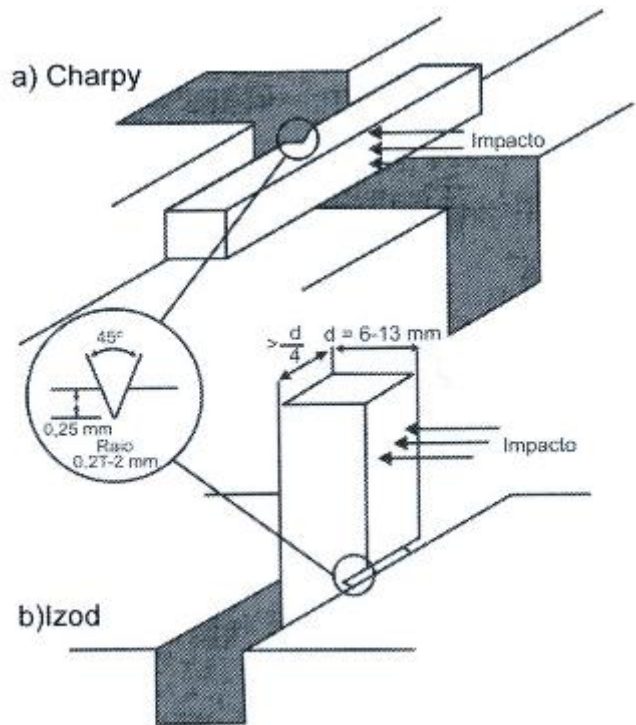


# Principais Configuração CPs Charpy

Todas as dimensões em mm

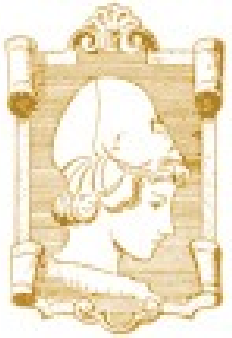


# Ensaio de Impacto IZOD (ASTM D256) ou Charpy (ASTM D6110)



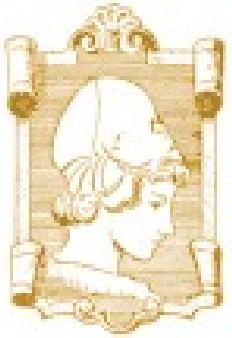
Energia:

- ✓ J
- ✓ J/m (espessura)
- ✓ J/m<sup>2</sup> (área da secção transversal)



# Ensaio Impacto IZOD

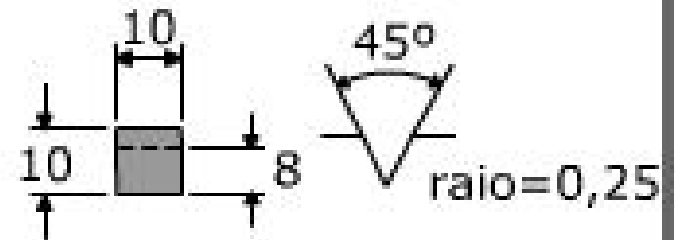
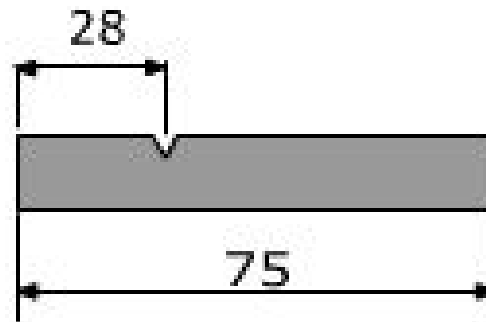
Posição de impacto sobre o corpo de prova  
**Izod**



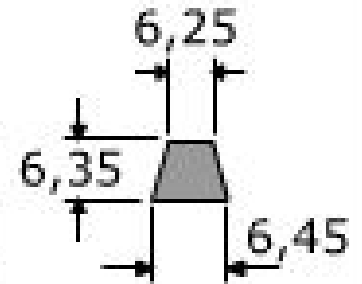
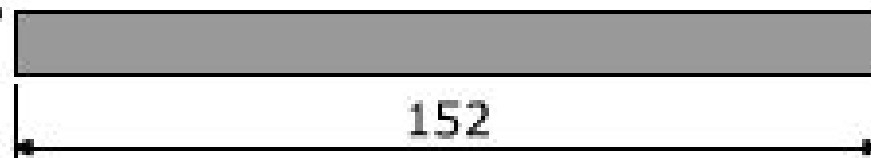
# Principais Configuração CPs IZOD

Todas as dimensões em mm

Izod (tipo D)



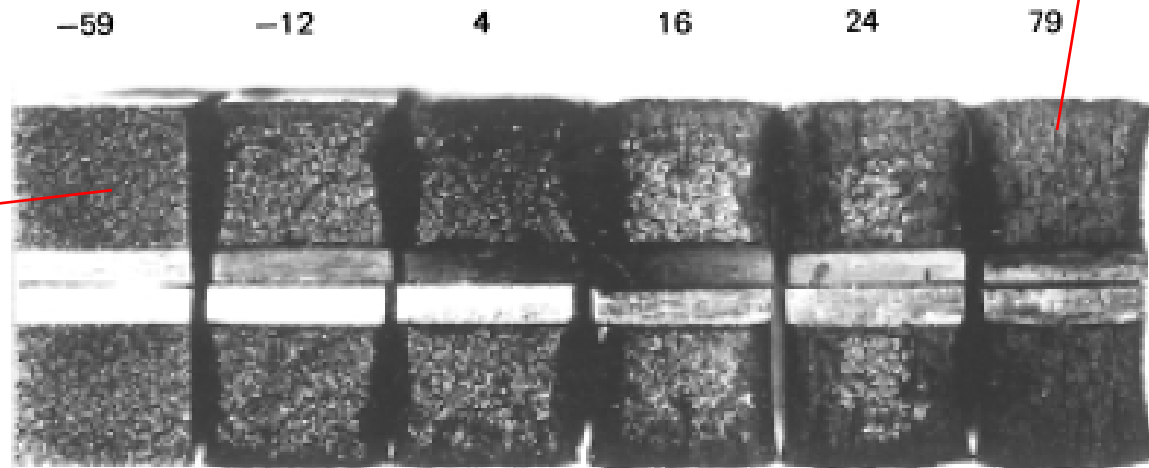
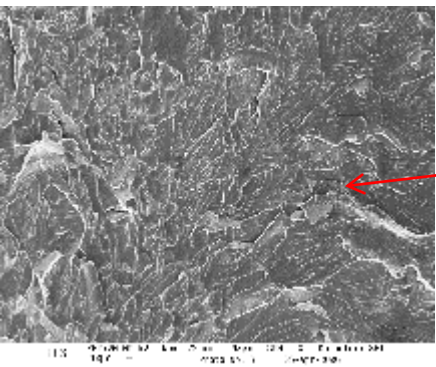
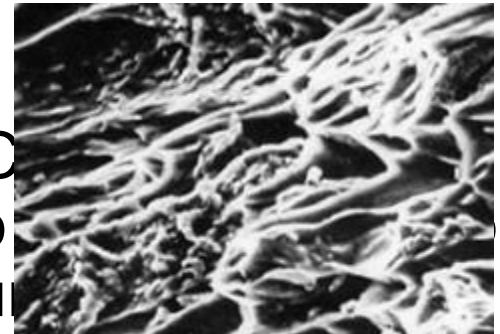
F<sup>o</sup>F<sup>o</sup> e fundidos sob pressão





# Transição Dúctil - Frágil

- ✓ Uma das principais funções dos ensaios de impacto é determinar se um material apresenta transição dúctil – frágil com a diminuição da temperatura.
- ✓ Uma análise da superfície de fratura de C em diferentes temperaturas indicam a transição % de fratura dúctil e frágil em cada temperatura





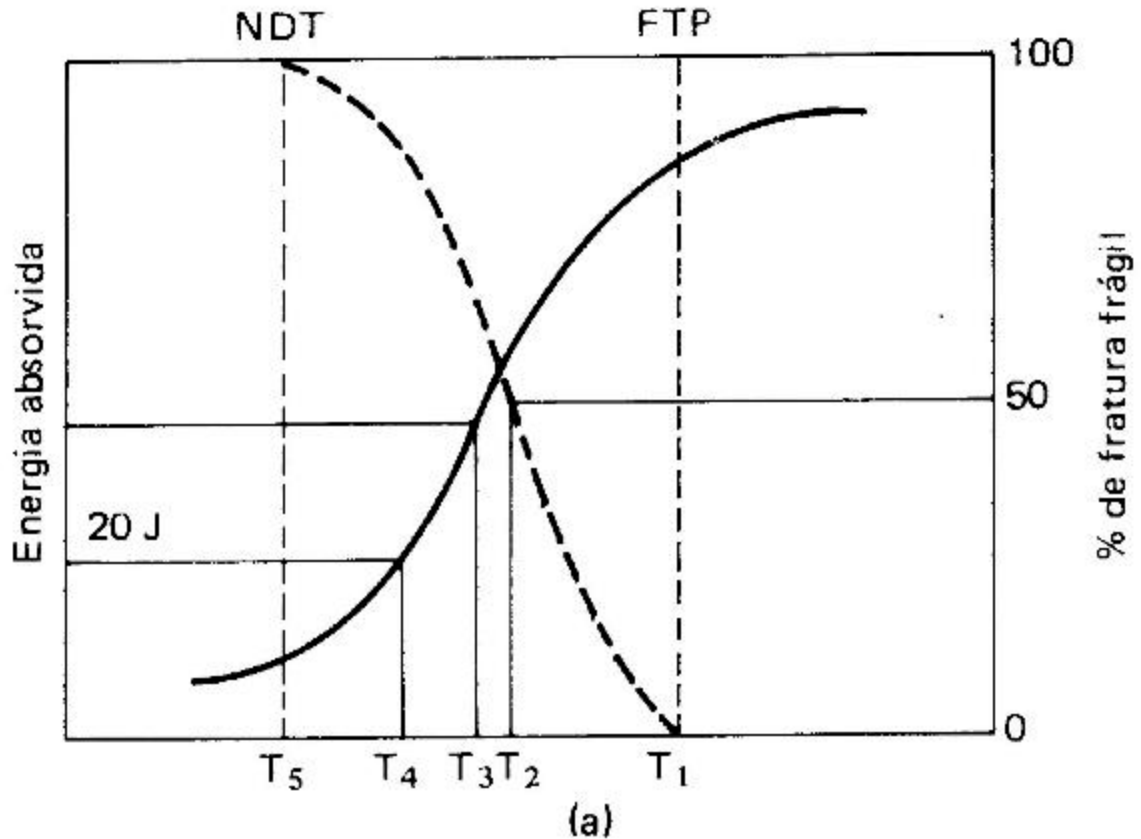
Desta forma o ensaio de impacto é mais significativo quando realizado em um intervalo de temperatura, de maneira que pode ser determinado a temperatura de transição quando a fratura passa de dútil para frágil, como observado na figura. Pode ser adotado pelo menos cinco critérios para a temperatura de transição.

➤ **A temperatura de transição é sensível à composição e à microestrutura da liga**

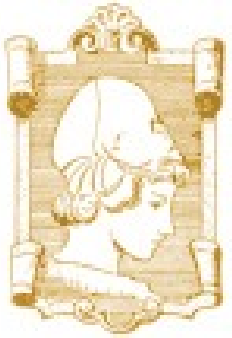
- ↓ **Tamanho de grão**

- ↓ **Temperatura de transição**

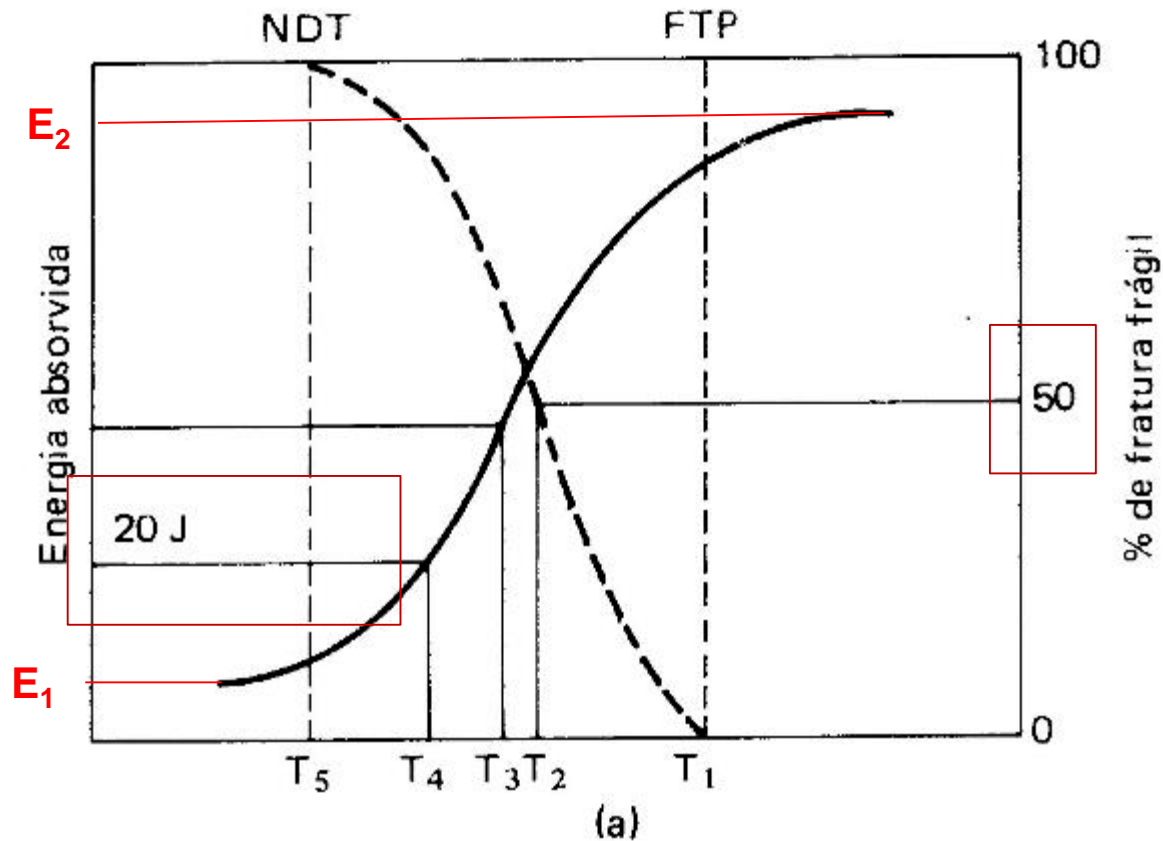
- ↓ **Teor de carbono**  
↓ **Temperatura de transição**







# Transição Dúctil - Frágil



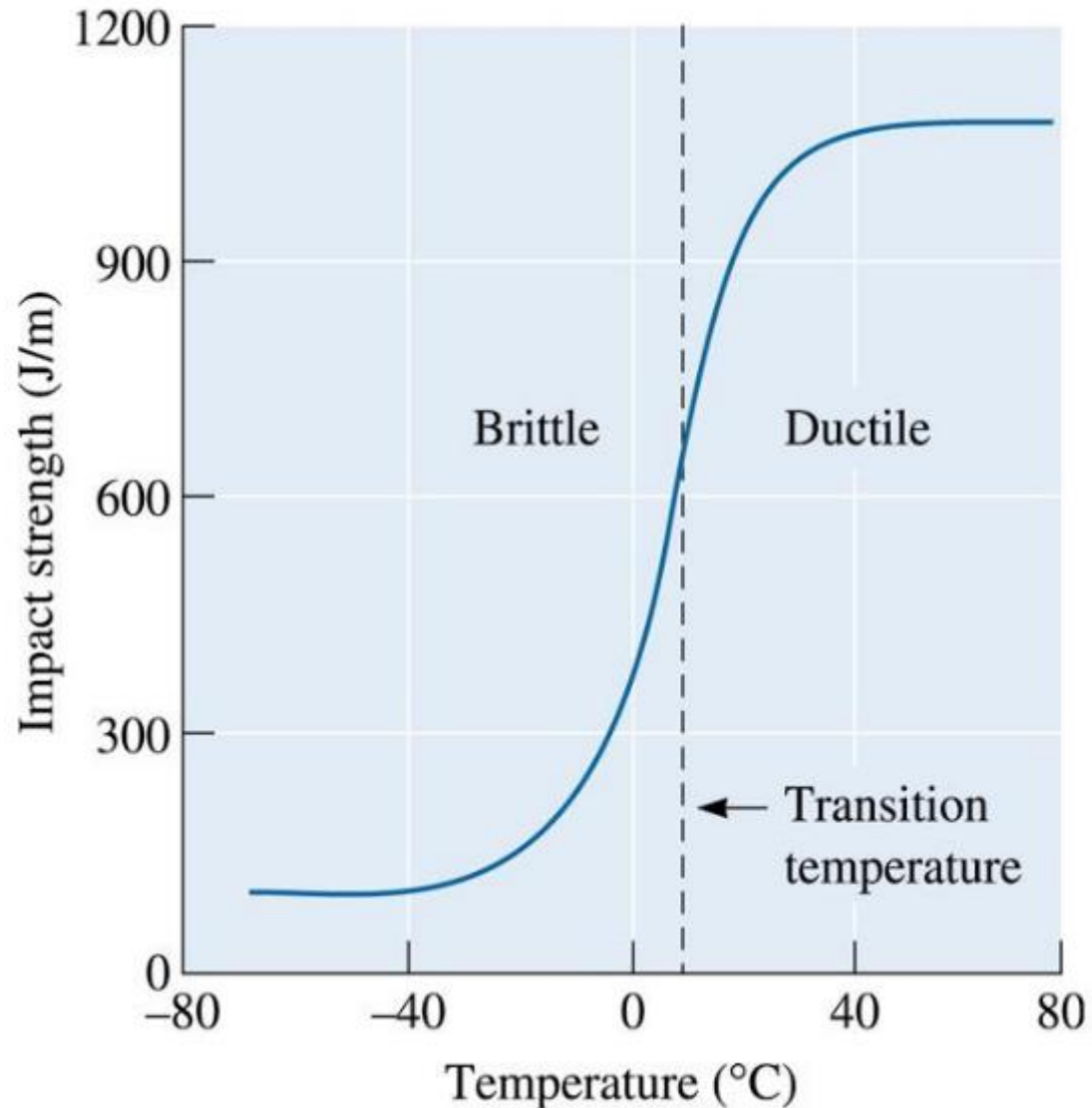
Temperatura de transição (Média das energias)

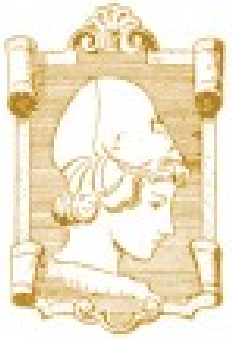
$$Trans = \frac{E_1 + E_2}{2} + E_1$$



# Transição Dúctil - Frágil

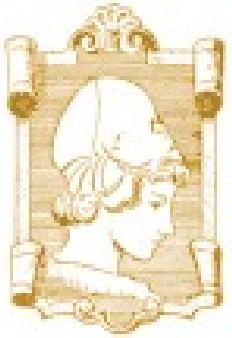
Em um aço em temperaturas elevadas a energia é relativamente grande e a medida que a temperatura é reduzida, a energia de impacto cai para um valor constante, porém pequeno, i.é, o modo de fratura é frágil.





**Será que todos os metais apresentam temperatura de transição dútil – frágil?**

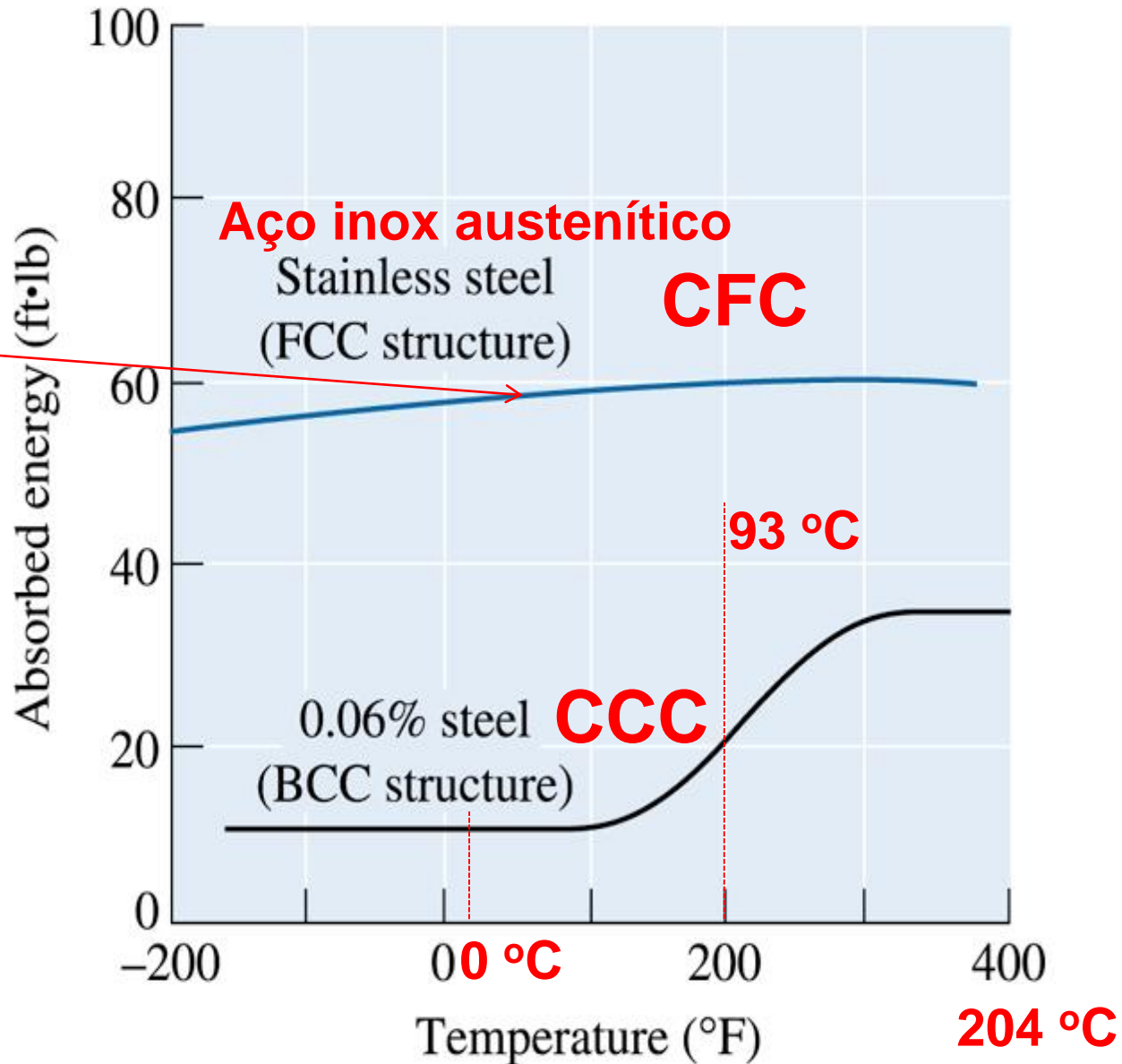
**Caso sim, como transportamos nitrogênio líquido? Temperatura de  $-196\text{ }^{\circ}\text{C}$ .**



# Transição Dúctil - Frágil

Não apresenta  
transição  
dúctil/frágil

Recipiente inox  
nitrogênio líquido  
(-197 °C) possui  
uma Estrutura  
CFC

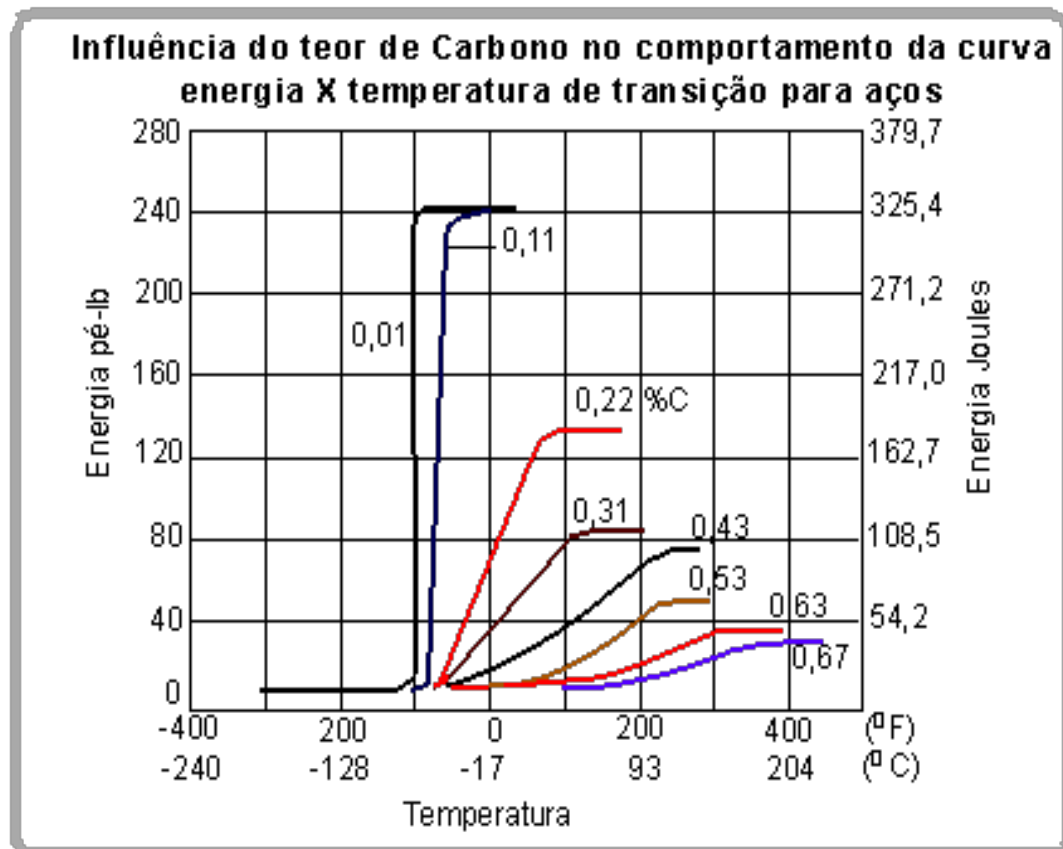




# Transição Dúctil - Frágil

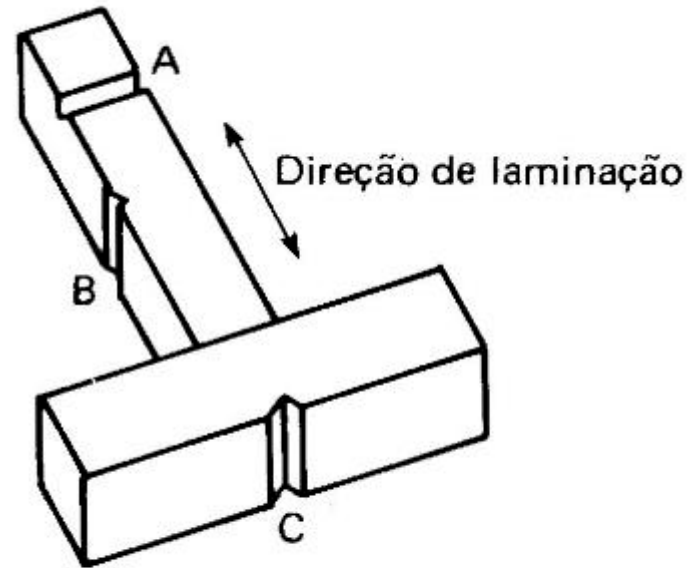
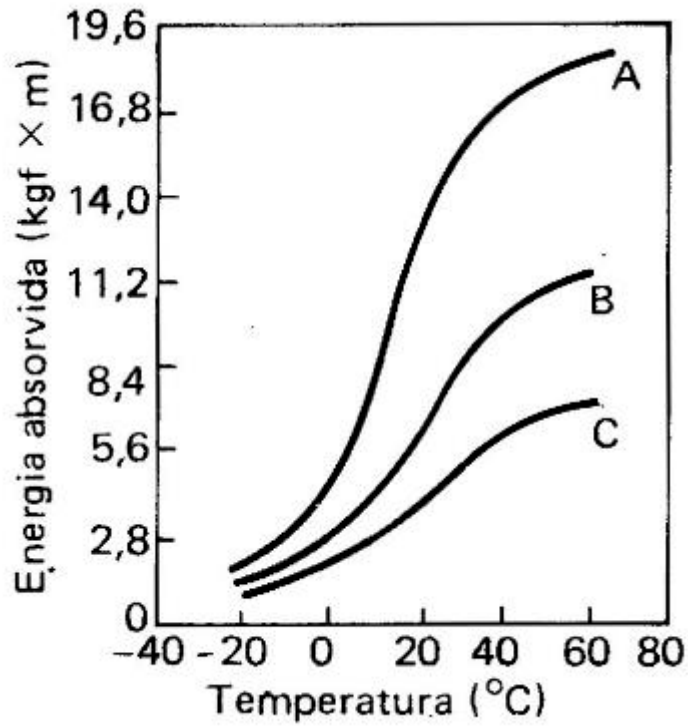
- Materiais que apresentam esse comportamento devem ser usados somente em temperaturas acima da temperatura de transição para evitar fraturas frágeis catastróficas

- A temperatura de transição é sensível à composição e à microestrutura da liga
- ↓ Tamanho de grão
- ↓ Temperatura de transição
- ↓ Teor de carbono
- ↓ Temperatura de transição

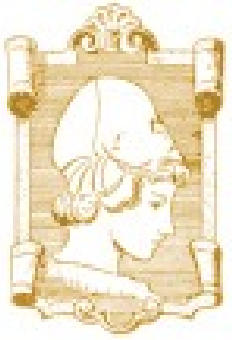




# Transição Dúctil - Frágil







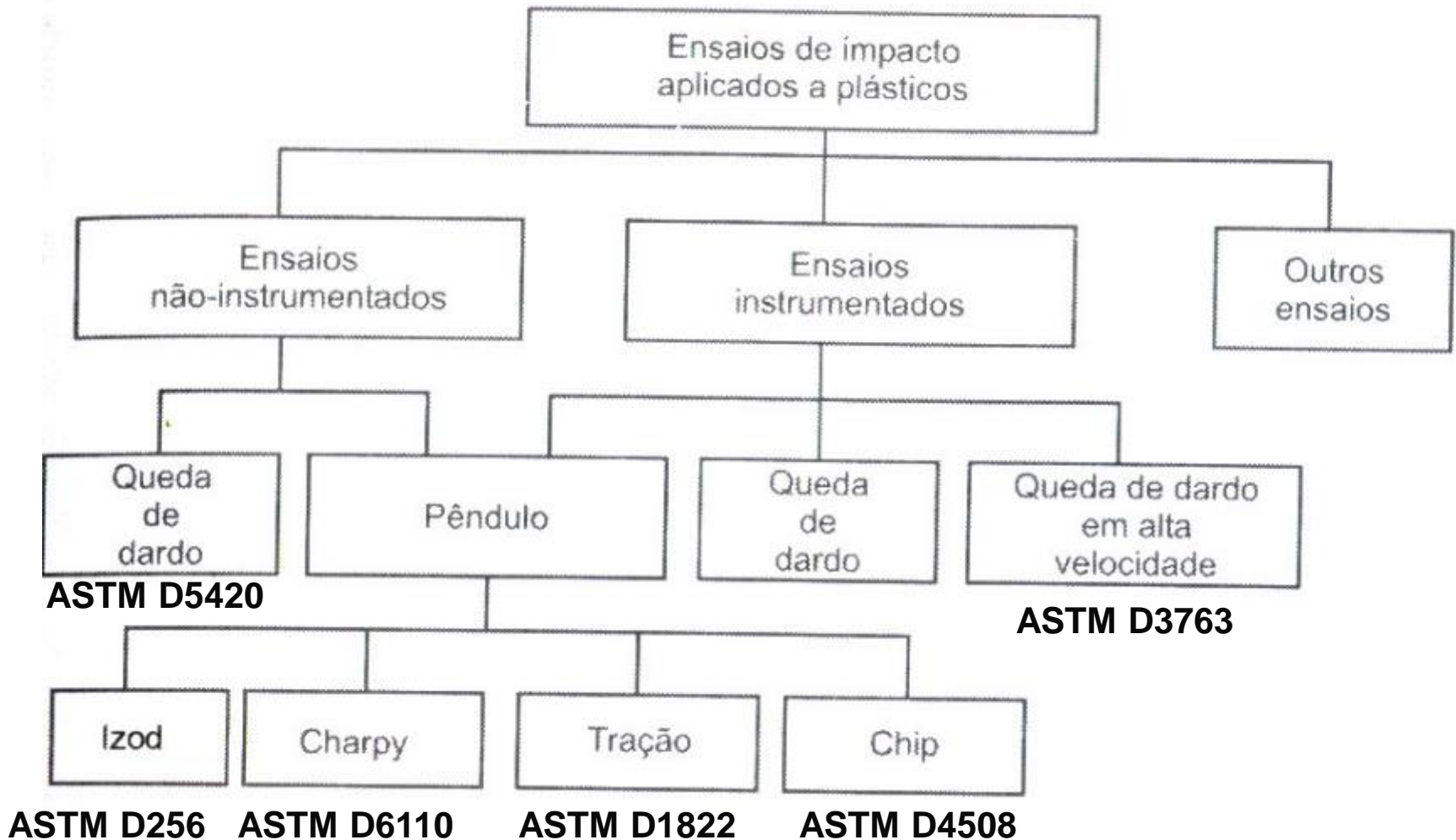
# Ensaio de Impacto Polímeros

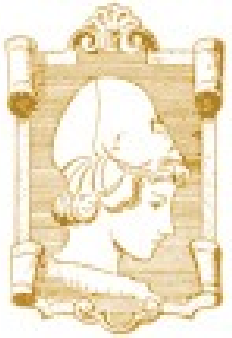
Parâmetros que afetam as propriedades sob impacto em polímeros:

- Taxa ou velocidade de sollicitação sob impacto;
- Sensibilidade ao entalhe;
- Temperatura;
- Orientação Molecular
- Condições e tipo de processamento;
- Grau de cristanilidade e massa molar;
- Método de sollicitação (Pêndulo; Dardo etc..)
- Espessura do corpo de prova



# Ensaio de Impacto Polímeros



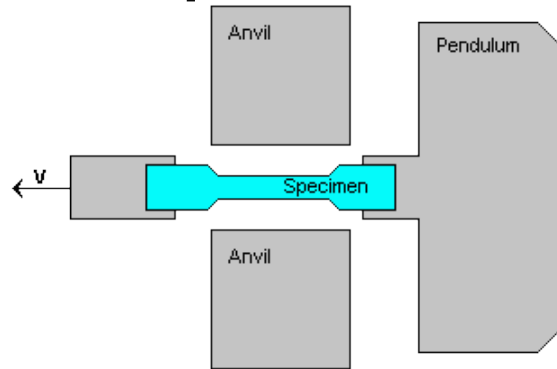


# Equipamentos Impacto Polímeros

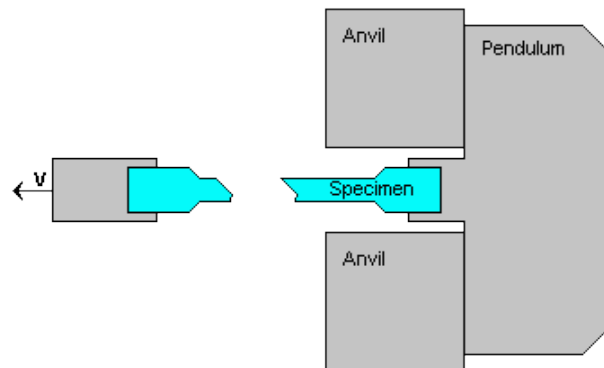
## Impacto/Tração

## Dardo

Antes impacto



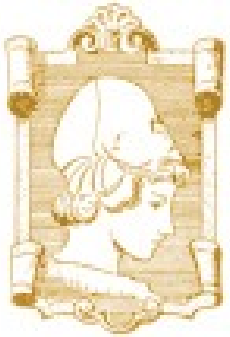
Após impacto



Type S

Type L



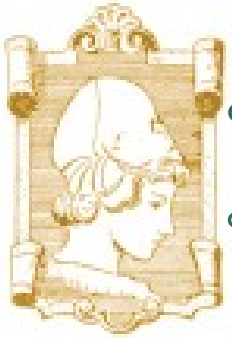


# Exercício

Os dados da tabela abaixo foram obtidos a partir de uma série de ensaios de impacto realizados em quatro aços, com diferentes porcentagens de Si. Desenhe a curva de energia X temperatura de ensaio e determine:

- A temperatura de transição definida como a média das energias obtidas no início da região dúctil e início da região frágil e compare com a técnica de 20J energia. Coloque em gráfico este valor em função do teor de Si e comente.
- Qual seria o teor de Si mínimo permitido se a peça destes aços tivesse que trabalhar a 0°C.

	Energia de Impacto, J			
Temp. de teste, °C	2,55 % Si	2,85 % Si	3,25 % Si	3,63 % Si
-50	2,5	2,5	2,0	2
-25	3,0	2,5	2,0	2
0	6,0	5,0	3,0	2,5
25	13,0	10,0	7,0	4,0
50	17,0	14,0	12,0	8,0
75	19,0	16,0	16,0	13,0
100	19,0	16,0	16,0	16,0
125	19,0	16,0	16,0	16,0



## Principais Normas Referente ao Ensaio de Impacto (Metais, Polímeros e Compósitos)

### ABNT

- NBRNM 281-1 (11/2003) Materiais metálicos - Parte 1: Ensaio de impacto por pêndulo Charpy
- NBR NM281-2 (11/2003) Materiais metálicos - Parte 2: Calibração de máquinas de ensaios de impacto por pêndulo Charpy
- NBR6157 (12/1988) Materiais metálicos - Determinação da resistência ao impacto em corpos-de-prova entalhados simplesmente apoiados
- NBR8425\_MB1694 – Plásticos Rígidos – Determinação da Resistência ao Impacto Izod
- NBR9564\_MB2440 – Plásticos Rígidos - Determinação da Resistência ao Impacto Charpy
- NBR 10437; NBR14262; NBR14289; NBR14470; NBR14689 etc...

### ASTM

- E23-05 Standard Test Methods for Notched Bar Impact Testing of Metallic Materials (2005) (cobre Charpy e Izod)
- ASTM E2248 - 09 Standard Test Method for Impact Testing of Miniaturized Charpy V-Notch Specimens
- D256 – Standard Test Methods for Determining the Izod Pendulum Impact Resistance of Plastics
- D1709 - Standard Test Methods for Impact Resistance of Plastic Film by the Free Falling Dart Method
- D1790 – Standard Test Method for Brittleness Temperature of Plastic Sheeting by Impact
- D1822 – Standard Test Method for Tensile-Impact Energy to Break Plastics and Electrical Insulating Materials
- D2444 - Standard Test Methods for Determination of the Impact Resistance of Thermoplastic Pipe and Fittings by Means of a Tup (Falling Weight)
- D4812 - Standard Test Methods for Unnotched Cantilever Beam Impact Strength of Plastics
- F2231-02e1 Standard Test Method for CHARPY Impact Test on Thin Specimens of Polyethylene Used in Pressurized Pipes (2002)
- ASTM D880 - 92(2008) Standard Test Method for Impact Testing for Shipping Containers and Systems
- D2463, D3420, D3763, D4272, D4508, D5420, D6110, D2444, etc...
- ASTM D7136 / D7136M - 07 Standard Test Method for Measuring the Damage Resistance of a Fiber-Reinforced Polymer Matrix Composite to a Drop-Weight Impact Event
- ASTM D3763 - Standard Test Method for High Speed Puncture Properties of Plastics using Load and Displacement Sensors. Geometry: 3" diameter anvil/clamp; ½" hemispherical striker  
Geometry: Charpy & Izod



# Estudo de caso: TITANIC

13/04/1912

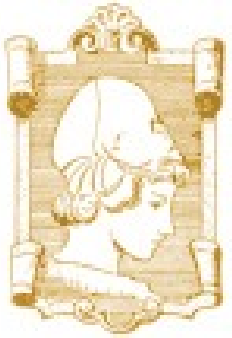


Survivor: *Millvina Dean*

R.M.S. TITANIC *Departure from Queenstown*

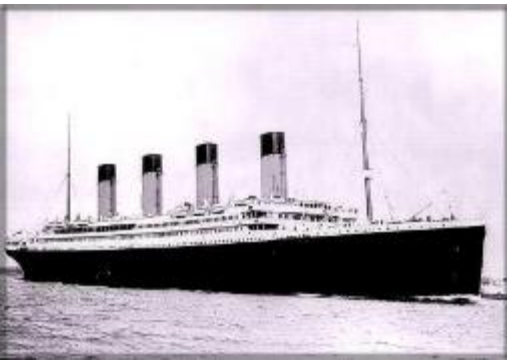
Colin Verity B.S.M.A.

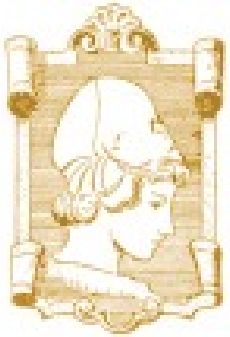




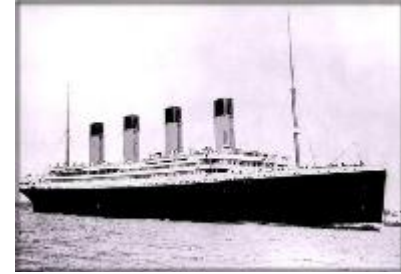
# Obtenção das amostras

- Em 1996, pesquisadores utilizando submarinos robôs trouxeram pedaços de aço do casco do TITANIC para análise metalúrgica.



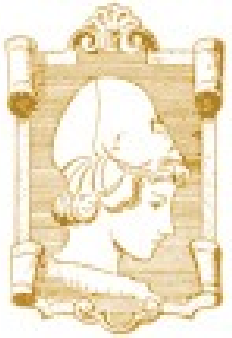


# Composição Química



- No aço do casco do TITANIC constata-se teores elevados de P, S que associados ao baixo teor de Mn (baixa relação Mn/S) são responsáveis pela maior tendência ao comportamento frágil em baixas temperaturas .

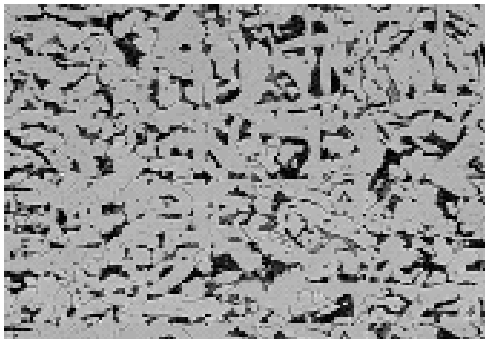
Composição do aço do <u>Titanic</u> e de aço ASTM A36									
	C	Mn	P	S	Si	Cu	O	N	<u>MnS:Ratio</u>
<u>Titanic</u> (*)	0,21	0,47	0,045	0,069	0,017	0,024	0,013	0,0035	6,8:1
<b>ASTM A36</b>	0,20	0,55	0,012	0,037	0,007	0,01	0,079	0,0032	14,9:1
(*) amostra extraída da placa do casco									



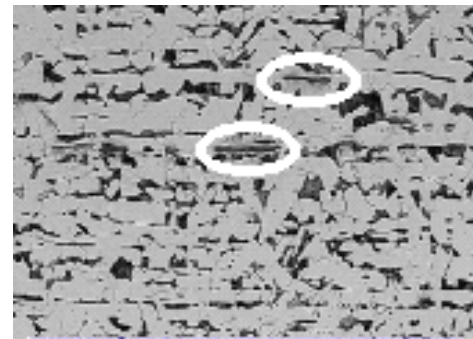
# Microestrutura



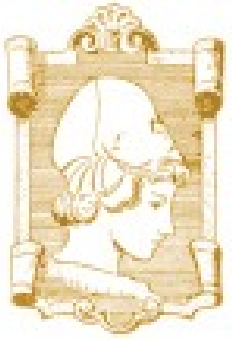
- Através de análise metalográfica convencional pode-se notar severo bandejamento, principalmente na seção longitudinal.
- Na seção longitudinal constata-se também grandes quantidades de partículas de sulfeto de manganês (dentro das elipses).



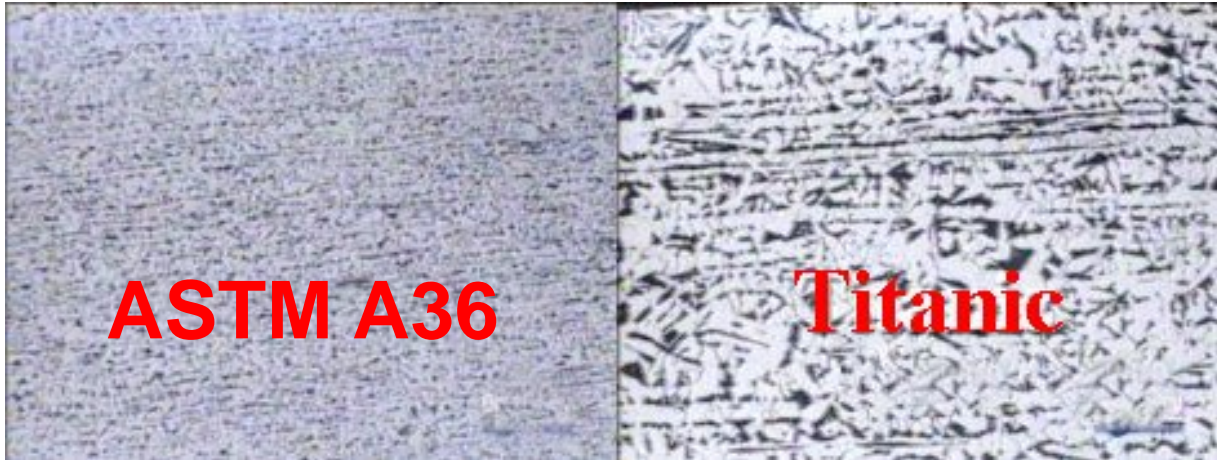
**Seção transversal**



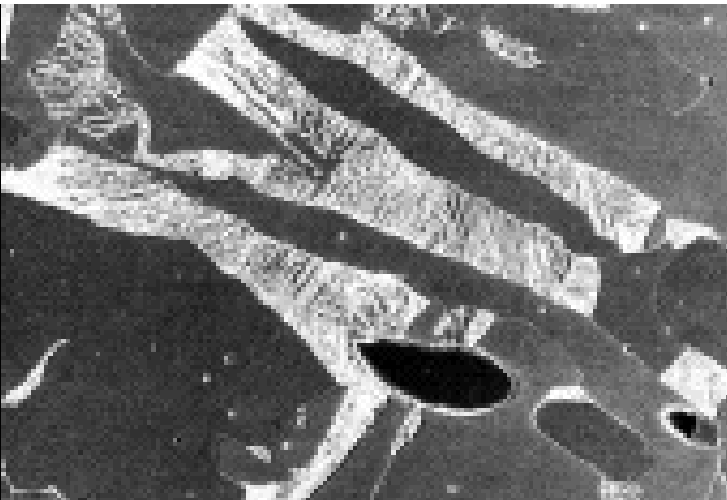
**Seção longitudinal**



# Microestrutura (A36 x Titanic)



Na micrografia pode-se notar o tamanho de grão bem maior no aço do TITANIC em comparação ao aço A36.



- Através da análise com um microscópio eletrônico de varredura pode-se observar partículas de MnS ( estruturas elípticas)

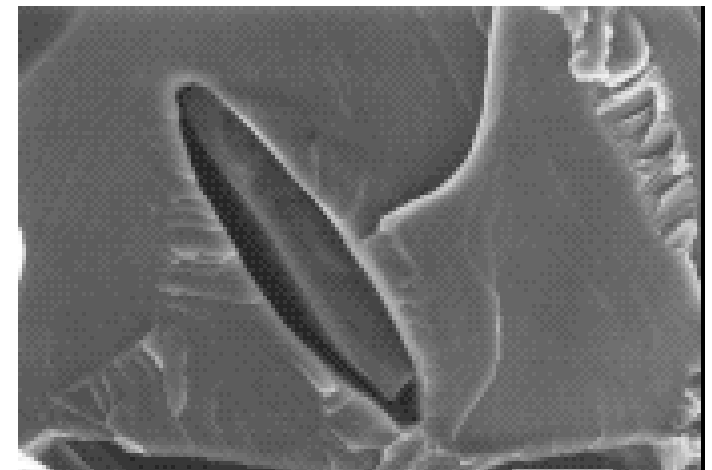


# Ensaio de impacto: Charpy

- Realizou-se ensaios Charpy em uma faixa de temperaturas entre  $-55^{\circ}\text{C}$  e  $179^{\circ}\text{C}$  em três séries de corpos de prova de dimensões padrão.

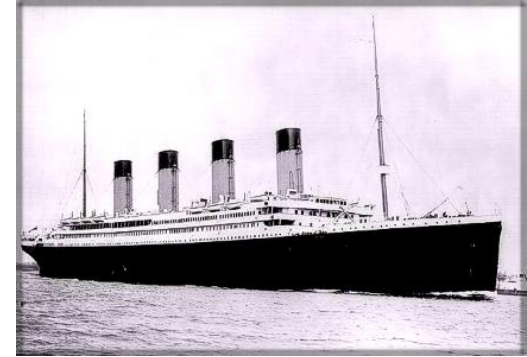
➤ A figura ilustra uma superfície Charpy recém fraturada a  $0^{\circ}\text{C}$ . Planos de clivagem na ferrita são bastante evidentes

➤ A figura ilustra uma região da superfície contendo MnS



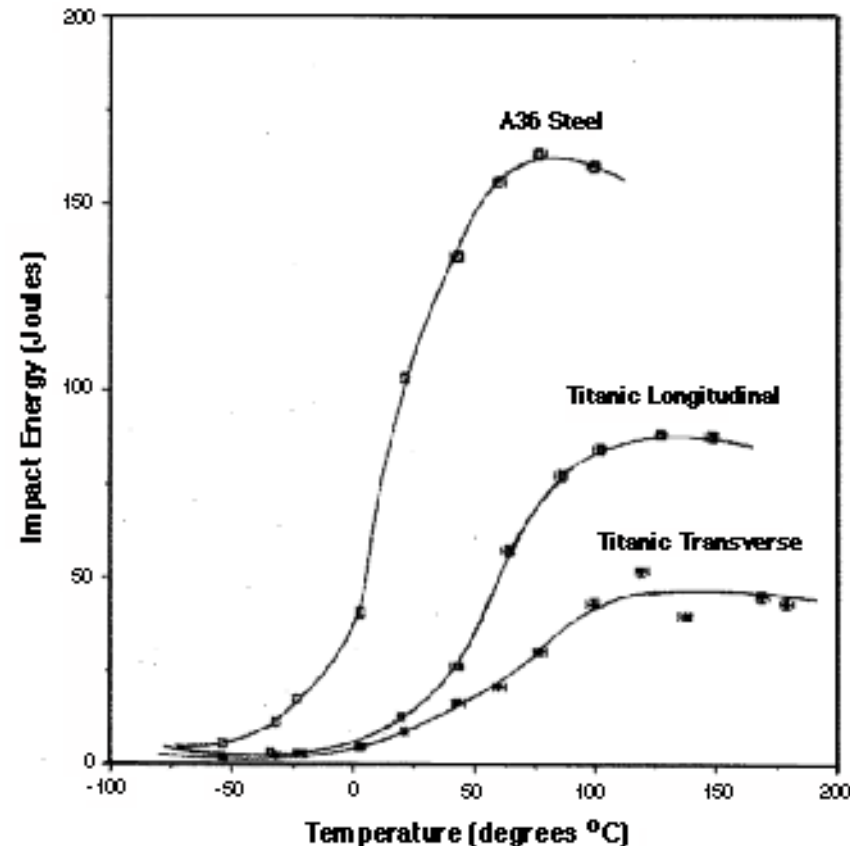


# Ensaio de impacto: Charpy

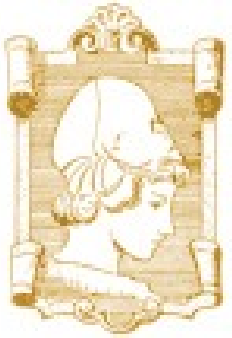


Os resultados de impacto das três séries de CPs :

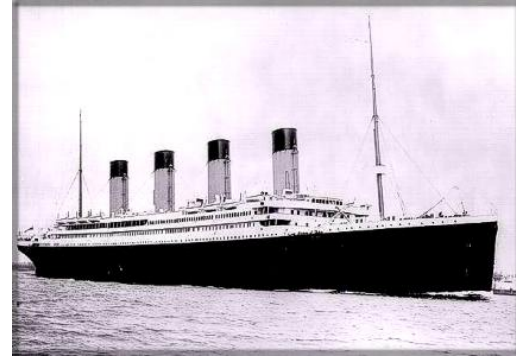
- Em altas temperaturas, as amostras longitudinais do casco tem melhor propriedade que as transversais.
- Em baixa temperatura, as amostras longitudinais e transversais tem a mesma energia de impacto.
- A temperatura de transição dúctil frágil para energia de impacto de 20J é de  $-27^{\circ}\text{C}$  (ASTM A 36),  $32^{\circ}\text{C}$  (casco longitudinal) e  $56^{\circ}\text{C}$  (casco transversal).
- Durante a colisão, a temperatura da água do mar era de  $-2^{\circ}\text{C}$





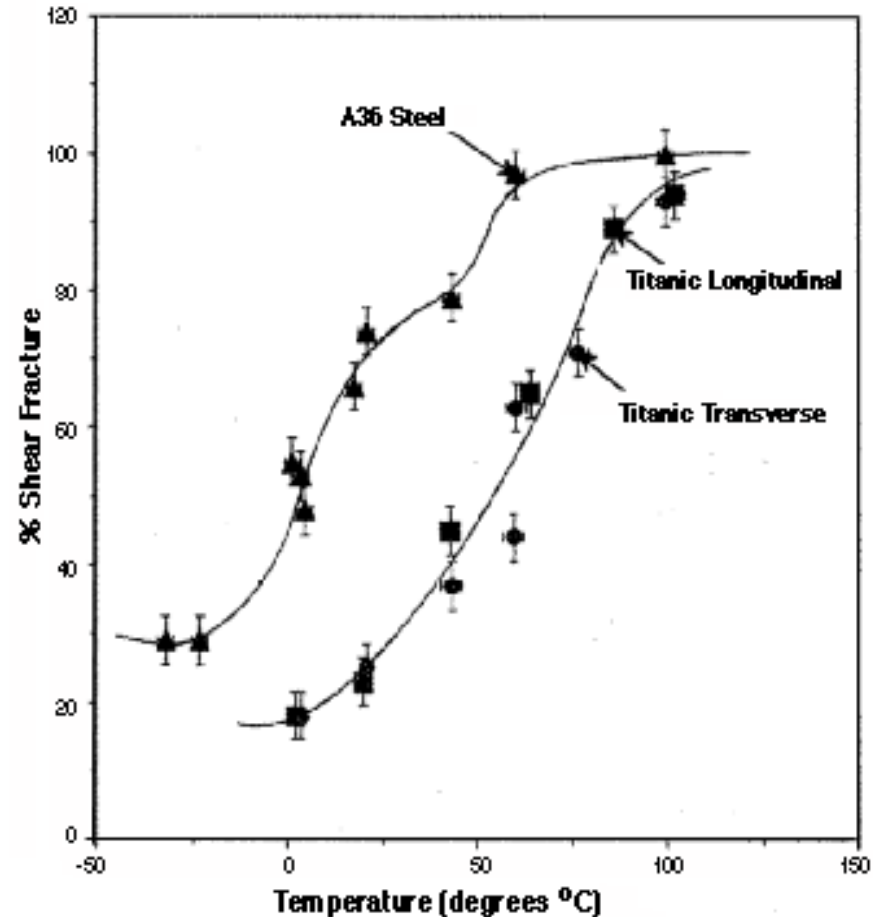


# Ensaio de impacto: Charpy



Esta forma de mensurar as mudanças de tenacidade com a temperatura consiste em se avaliar o aspecto da fratura em termos de fração de área fibrosa (dúctil) em relação ao total da área transversal do corpo de prova.

Utilizando-se como referência o valor de 50 % de fratura fibrosa, as temperaturas de transição para cada amostra testada seriam de:  $-3\text{ }^{\circ}\text{C}$  (para ASTM A36),  $49\text{ }^{\circ}\text{C}$  (casco longitudinal) e  $59\text{ }^{\circ}\text{C}$  (casco transversal).



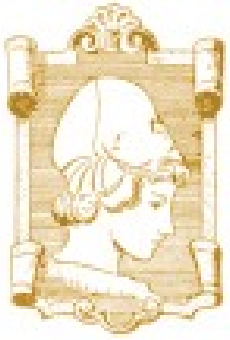


# Conclusão

## Fatores que contribuíram para o naufrágio do TITANIC:

- Detecção tardia da presença de iceberg (sem tempo para manobras evasivas);
- Velocidade de navegação elevada;
- Ângulo de impacto que propiciou aberturas em vários compartimentos;
- Aço com grande tendência ao comportamento frágil ( porém o melhor da época).





# Bibliografia Recomendada

➤ **Ensaio Mecânico de Materiais Metálicos. Fundamentos teóricos e práticos. Souza, Sergio Augusto. Editora Blucher. 5ª. Edição.**

➤ **Garcia, Amauri; Spim, Jaime Alvares; Santos, Carlos Alexandre “ Ensaio dos Materiais”**

➤ **Canevarolo, Sebastião V. “Técnicas de Caracterização de Polímeros” – Editora Artliber**

➤ **Mechanical Behavior of Materials: Engineering Methods for Deformation, Fracture and Fatigue Norman E. Dowling.**

➤ **Normas Mencionadas de Ensaio Mecânico**

➤ <http://www.eesc.usp.br/smm/materiais/>